



CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Universidade Paranaense – UNIPAR

Unidade Umuarama - 1997-2019

MAICON FERNANDO TEIXEIRA

**REDESCOBRINDO O VAZIO: Espaço intersticial como ferramenta fomentadora ao
convívio**

UMUARAMA

2019

MAICON FERNANDO TEIXEIRA

**REDESCOBRINDO O VAZIO: Espaço intersticial como ferramenta
fomentadora ao convívio**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense
– UNIPAR, pela seguinte banca examinadora:

Lucas Fetter Dosso

Me Paula Andréia Gomes da Cruz Naufel Silva

Me Rodrigo da Silva Rodrigues

Umuarama, 05 de Dezembro de 2019.

MAICON FERNANDO TEIXEIRA

**REDESCOBRINDO O VAZIO: Espaço intersticial como ferramenta
fomentadora ao convívio**

Trabalho de Conclusão apresentado à banca
Examinadora do curso de graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Paranaense – UNIPAR, como parte das
exigências para obtenção do grau de bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Profº. Me. Rodrigo da Silva
Rodrigues

Umuarama

2019

AGRADECIMENTOS

A meus pais e irmão por serem meus maiores exemplos de força e honestidade. Por estarem presentes e se tornarem meus alicerces não só durante o período da universidade, mas durante os 25 anos de vida.

A esta universidade e todo o corpo docente que dia após dia dedica parte de suas vidas compartilhando o conhecimento necessário para a prática da profissão, em especial a Paula Gomes por auxiliar de forma tão sensível no desenvolvimento do presente trabalho.

A todas as pessoas iluminadas que tive o prazer de conhecer durante o período da faculdade, a minha grande amiga Bárbara, que o universo permitiu que caminhássemos juntos durante os 5 anos de faculdade e que serei infinitamente grato por ter tido a oportunidade de aprender, rir e chorar incontáveis vezes ao seu lado, não poderia ter sido melhor.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e me deram coragem para permanecer buscando tudo aquilo que almejo.

A Anny por estar sempre com as mãos estendidas, me ensinando sobre empatia e como ser uma pessoa melhor a cada desafio que a vida me impõe.

Ao Douglas, Talita e Jaqueline, pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de trabalhar junto e aprender um pouco mais sobre a profissão.

Ao Rodrigo e Amanda por compartilhar todos os dias, dentro e fora da universidade, sua paixão por arquitetura e a vontade de fazer com que os sonhos se tornem realidade, por me motivar a buscar cada vez mais conhecimento e acreditar na minha capacidade de fazer boa arquitetura. Paulo Freire dizia que “O educador se eterniza em cada ser que educa” e essa frase nunca fez tanto sentido quanto faz hoje, pois, independente do que o futuro nos aguarda, a paixão por arquitetura que vocês manifestam em cada palavra, está eternizada naqueles que tiveram a sabedoria de ouvir.

A todos os profissionais da área que me inspiram e trabalham diariamente com o propósito de produzir uma arquitetura coerente, capaz de se traduzir em poesia e uma boa dose de arte.

Ao universo por proporcionar as oportunidades necessárias para que me tornasse uma versão melhor de mim mesmo.

E por fim, a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu muito obrigado.

RESUMO

No decorrer dos anos, com o desenvolvimento do município de Umuarama, novas necessidades começam a surgir, como por exemplo, a de participar e utilizar dos espaços públicos. Os interstícios são os espaços vazios consequentes dos edificadoss, onde através da expansão territorial, começam a surgir com mais frequência. Esses espaços intersticiais, quando carecem de atividades, acabam que desvalorizando o entorno e afastando cada vez mais os usuários do local público. Portanto, este trabalho visa desenvolver um anteprojeto de espaço intersticial na área central da cidade de Umuarama-PR, com o objetivo de reaproximar os moradores do espaço público, potencializar a apropriação do local e consequentemente contribuir na valorização do entorno. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi organizada em duas etapas, onde a primeira acontece por meio da revisão bibliográfica relacionada ao tema, e a segunda através de cinco análises de correlatos, destas, duas delas foram analisadas por completo e as demais analisadas por itens específicos. Essas análises auxiliaram não só no desenvolvimento de um programa de necessidades, mas também em soluções projetuais que possam potencializar o desenvolvimento de uma proposta bem fundamentada. Ao retomar a vida neste espaço, a economia se torna mais forte, o comércio se aproxima e a relação entre espaço público e pessoas se fortifica, tornando tal local uma extensão de sua casa.

Palavras-chave: Interstício urbano, espaço público, espaço coletivo.

ABSTRACT

Throughout the years, with the development of Umuarama city, new necessities started to arise, such as participating and utilizing the public space. The interstices are the empty spaces that result from buildings that, through territorial expansion, started arising more frequently. These interstice spaces, when lacking in activity, end up devaluing the surroundings and moving users away from public space. Therefore, this work aims to develop an outline of an interstitial space for the city of Umuarama-PR with the objective of re-approaching the residents of the public space, potentializing the local appropriation and, consequently, contributing on the appreciation of the surroundings. The methodology utilized for this research was organized in two stages. The first one happens through bibliographical review related to the theme and the second one through five analysis of correlates, in which two were fully analyzed and the other ones were analyzed in specific items. These analyses helped not only on the development of a program of necessities, but also in project solutions that can potentialize the development of a well-founded proposal. Returning life to this space, the economy becomes stronger, commerce approaches and the relation between public space and people strengthens, making such place an extension of their homes.

Key-words: Urban interstitial, public space, collective space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Justificativa	10
1.2	Objetivos.....	11
1.2.1	<i>Objetivo Geral</i>	11
1.2.2	<i>Objetivos específicos</i>	11
1.3	Metodologia	12
2	REABILITAÇÃO URBANA.....	13
3	ESTUDO DE CASO	16
3.1	The High Line	17
3.2	Superkilen.....	22
3.3	Ladeira Da Barroquinha.....	29
3.4	Israels Plads	34
3.5	Skuru Parkbridge	38
4	O MUNICÍPIO	42
5	O INTERSTÍCIO URBANO	43
5.1	Análise do terreno.....	48
5.1.1	<i>Edifícios Relevantes</i>	48
5.1.2	<i>Fluxo viário</i>	49
5.1.3	<i>Uso e ocupação do solo</i>	50
5.1.4	<i>Situação atual do terreno</i>	51
5.1.5	<i>Principais usos do espaço público na cidade de Umuarama</i>	55
5.1.6	<i>Análises esquemáticas</i>	58
5.1.7	<i>Partido Arquitetônico</i>	60
5.1.8	<i>Programa de Necessidades</i>	61
5.1.9	<i>Estudo de Manchas</i>	62
5.2	Anteprojeto	64
6	CONCLUSÃO	67
7	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento da cidade de Umuarama, na medida em que a população aumenta, novas necessidades começam a surgir, como por exemplo a de participar e utilizar dos espaços públicos, assim como, os destinados ao lazer, ao caminhar, a permanência, e também a troca de experiências entre os indivíduos, hábito este que vem se perdendo com o passar do tempo.

D`incao (1992), diz que comparado ao século XIX e início do século XX no Brasil, existe uma certa falência da cidade como local de interação: a rua é perigosa, deve ser evitada. Ela perde seu status de espetáculo e de representação social.

Ghel (2013), afirma que a cada dia, o espaço é reduzido a favor do tráfego e dos estacionamentos, e todo tipo de atividade ao ar livre no espaço urbano, recebe um impacto negativo em função do ruído, da poluição e da insegurança. Constrói-se nos espaços livres, os parques são convertidos em estacionamentos e as oportunidades de lazer simplesmente desaparecem. Desta forma, enquanto algumas cidades trabalham para priorizar e devolver o espaço dos carros aos pedestres e ciclistas, como por exemplo a cidade de Copenhague - Dinamarca e Melbourne - Austrália, outras buscam cada vez mais a valorização dos carros e sua demanda crescente e desenfreada, afetando diretamente a vida na cidade e seus moradores (GHEL, 2013).

Linke (2017), enfatiza que:

Caminhar é uma forma de se reconectar com o espaço físico e, principalmente, com o espaço social que nos cerca. A escolha de uma mobilidade que nos transporta isolados do mundo, como indivíduos encapsulados que não se relacionam com a vida lá fora não deve prevalecer. Não podemos continuar privilegiando o privado em detrimento do público, enquanto políticas mal orientadas maltratam nossos sonhos de vivermos em cidades mais equitativas e mais democráticas e, sobretudo, de construirmos um futuro possível, respirável, caminhável (LINKE. 2017. p.?).

De acordo com Ghel (2013), experienciar a vida na cidade é também um entretenimento estimulante e divertido. As cenas mudam a cada minuto. Há muito a se ver: Comportamentos, rostos, cores e sentimentos. E essas experiências estão relacionadas a um dos mais importantes temas da vida humana: as pessoas. Caminhar na cidade permite longo tempo para vivenciar aquilo que as áreas ao nível da rua têm a oferecer, e saborear a riqueza de detalhes e informações. As caminhadas

tornam-se mais interessantes e significativas, o tempo passa rapidamente e as distâncias parecem mais curtas (GHEL, 2013).

Speck (2016), fala sobre o quão importante é a cidade garantir o tipo de ambiente que os moradores desejam. Levantamentos realizados mostram como a classe dos cidadãos criativos, especialmente a geração y¹, prefere, em geral, comunidades com ruas vibrantes e cheias de vida, a cultura de pedestres que só pode vir da caminhabilidade.

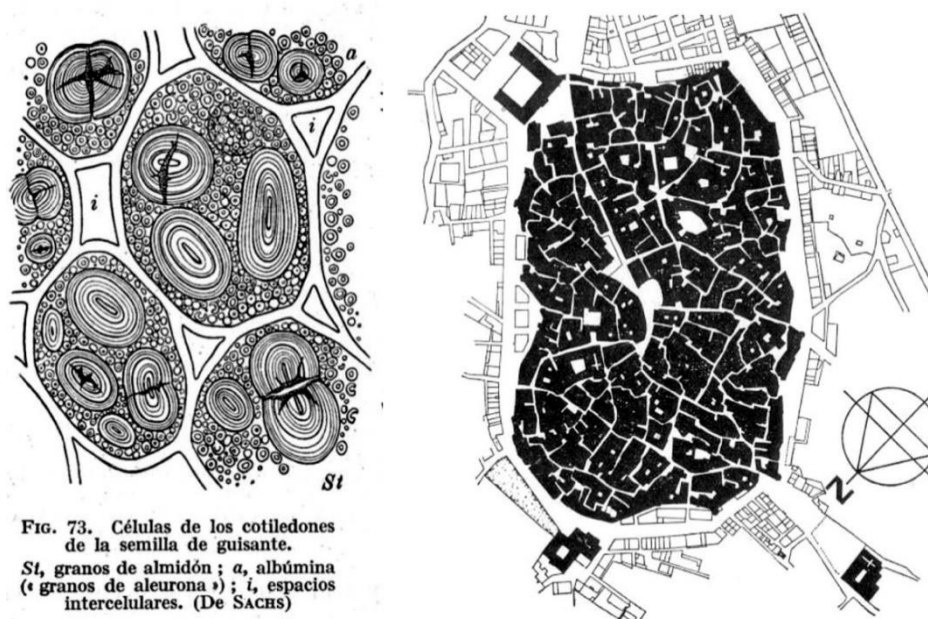
Desse modo, é de extrema importância compreender que se os espaços livres são direcionados para as pessoas, conseqüentemente, precisa-se entender quem são elas, quais são suas necessidades, suas características, seus hábitos e costumes. Um espaço público precisa ser destinado para todos, logo, deve-se pensar em um projeto que atenda ao maior número de pessoas possíveis, seja através da diversidade do programa ou da flexibilidade dos espaços. É interessante possibilitar que os moradores se apropriem do local e se sintam pertencentes ao mesmo, fazendo com que vejam isso não só como um local público, mas como uma continuação de seu lar.

Os locais destinados aos pedestres são responsáveis não só pela potencialização do convívio entre os moradores locais, mas também pela troca de experiências entre todos que por ali passam. A contemplação das paisagens e seus diferentes percursos e perspectivas, influenciam na forma como as pessoas se sentem no caminhar e isso pode motivar o uso do espaço público, como por exemplo, através da valorização dos espaços intersticiais.

Para que se compreenda melhor a discussão a seguir, faz-se necessário o entendimento do termo interstício, portanto o mesmo surge da biologia onde Guerreiro (2008), diz que o mesmo se refere à pequena área, orifício ou espaço existente na estrutura de um órgão ou tecido orgânico, o espaço intercalar entre as células, órgãos, etc (figura 1). Já para a arquitetura, a autora usa o termo para designar o espaço não edificado resultante da disposição e agregação dos edifícios. Em linguagem arquitetônica, estes espaços designam-se por vazios, em contraponto ao espaço edificado, o cheio (figura 1).

¹ Geração y é constituída por pessoas que nasceram entre os anos de 1980 e 1990 (INFOESCOLA, 2019).

Figura 1 - À esquerda, arranjo celular da semente da ervilheira, com os espaços intersticiais, em branco. À direita, morfologia urbana de uma cidade orgânica (Martina Franca, Itália), com os edifícios em preto e os espaços intersticiais em branco.



Fonte: Guerreiro, 2008.

Pizarro (2014), exemplifica o termo interstício da seguinte forma:

Tipificando e exemplificando, os interstícios são: os espaços convencionalmente classificados como livres (espaços públicos e semi-públicos como parques, praças, largos e terreos livres); os espaços que, apesar de livres em sua essência, não são vistos e apropriados como tal nas cidades brasileiras, por não caracterizarem espaços de convivência urbana (espaços públicos e semi-públicos como ruas, calçadas, galerias, miolos de quadra); e os espaços abertos que não são livres, mas sim privados (jardins de casas e condomínios, quintais, varandas, terraços, coberturas) (PIZARRO. 2014. p. 45).

Dentro deste contexto, segundo Alexander (1977), pode-se ainda classificar dois tipos de espaços exteriores (figura 2), sendo eles negativos e positivos. Um espaço exterior é negativo quando carece de forma, os edifícios se sobressaem, tornando esses espaços livres apenas residuais, geralmente aos fundos dos edifícios, enquanto o espaço exterior positivo é composto por uma forma definida e clara, assim como a dos edifícios, proporcionando maiores oportunidades de intervenção.

Figura 2 - À esquerda, espaços exteriores negativo e à direita, espaço exterior positivo.



Fonte: Alexander, 1977.

Ghel (2013), apresenta a ideia de que o que muitos espaços vazios em novos conjuntos e cidades tem em comum é a falta de um trabalho cuidadoso para oferecer espaços de transição ativos e oportunidades de permanência. Literalmente, não há motivo para se permanecer ali.

Em relação ao espaço público, Jacobs (2011), afirma que:

A vida na rua, tanto quanto eu possa perceber, não nasce de um dom ou de um talento desconhecido deste ou daquele tipo de população. Só surge quando existem as oportunidades concretas, tangíveis, de que necessita. Coincidentemente, são as mesmas oportunidades, com a mesma abundância e constância, necessárias para cultivar a segurança nas calçadas. Se elas não existirem, os contatos públicos nas ruas também não existirão (JACOBS. 2011. p. 75).

Assim, com base na afirmação de Jacobs (2011), e Ghel (2013), devido à complexidade de alguns espaços intersticiais, consequentes da forma ou situação em relação ao entorno, os mesmos acabam se tornando cada vez mais negligenciados e vistos como espaços não pertencentes a cidade, resultando em locais abandonados, sem função ou qualquer valor para a cidade.

O espaço intersticial precisa ser visto como parte de um todo, como local público designado a cidade, onde diferentes atividades acontecem atribuídas aos pedestres. É preciso compreender quais são os problemas que implicam no mal funcionamento desses locais e o porquê do abandono. Em um período em que o número da população aumenta constantemente, o espaço livre deve ser valorizado e discutido para que assim, propostas bem fundamentadas sejam levadas a todos, no objetivo de tornar concreto ideias que tragam progressos à cidade.

1.1 Justificativa

A cidade é composta por espaços intersticiais carentes de projetos que incentivem o uso e a apropriação dos mesmos, cumprindo assim, sua função de circulação para pedestres ou de distribuição dos fluxos viários. Ghel (2013), afirma que a cidade como local de encontro é uma oportunidade para trocas democráticas, onde as pessoas têm livre acesso para expressar sua felicidade, tristeza, entusiasmo ou raiva em festas de rua, manifestações, marchas ou encontros. Isso demonstra a necessidade de se viver em sociedade, em trocar experiências, fazer parte de algo e vivenciar momentos compartilhados com outras pessoas.

Esses interstícios são consequência dos espaços edificados, tornando-os vazios que, quando negligenciados, se transformam em locais insalubres e inseguros. Isso influencia de forma negativa não só no desenvolvimento do entorno mas também potencializa o afastamento da utilização dos espaços existentes.

Para Jacobs (2011), quando uma área da cidade carece de vida nas calçadas, os moradores desse lugar precisam ampliar sua vida privada se quiserem manter com seus vizinhos um contato equivalente. Desta forma, como uma parte da população sente dificuldade de se identificar com os espaços públicos já existentes, ou simplesmente não supre a necessidade de seu entorno junto aos seus costumes, acabam que gerando cada vez mais espaços abandonados e inseguros.

Isso faz com que parte dos moradores interpretem os espaços de lazer e permanência como algo privado (como por exemplo os clubes da cidade, restaurantes, lojas, etc), espaços estes, limitados para determinado público, o que gera uma separação ainda maior entre a população que possui e a que não possui condições financeiras suficientes para gozar dos benefícios ali existentes.

Anjos (2016) diz que muitas atividades migram do tecido das cidades para o interior dos espaços domésticos e dos ambientes dos edifícios, provocando uma profunda mudança na relação público/privado, com o surgimento de um domínio intermediário, um âmbito coletivo.

Jacobs (2011), afirma que as calçadas precisam de pessoas transitando por elas para aumentar os “olhos da rua”², trazendo maior segurança para quem a utiliza. Por outro lado, para que as pessoas se apropriem dos espaços públicos, elas

² Olhos da rua é um termo utilizado para definir o aumento da segurança de um determinado local por meio das pessoas que conseguem enxergar o que acontece por lá (JACOBS, J. 2011).

precisam se sentir seguras e pertencentes ao local. Sendo assim, quando se é atribuído funções e atividades flexíveis além de seu uso principal (o de caminhar), pode-se potencializar a utilização, aproximar os moradores e crianças, além de estimular discussões relacionadas a cidades mais acessíveis e pertencentes aos pedestres, servindo de exemplo para possíveis transformações nos espaços públicos e beneficiando cada vez mais a cidade.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é levantar o conceito de espaço intersticial e reabilitação urbana junto às suas diferentes técnicas; analisar os estudos de casos e propor um anteprojeto de intervenção para um espaço intersticial existente na cidade de Umuarama – PR. Esta proposta busca reaproximar os moradores do espaço público e por meio da mesma, potencializar a apropriação do local e a valorização de seu entorno.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar o conceito de espaço intersticial e ressaltar sua importância como espaço público para a cidade;
- Evidenciar a importância da discussão dos locais destinados às pessoas e apresentar como isso influencia no cotidiano de uma cidade;
- Identificar dentro da Carta de Lisboa³ (Cap. 2), qual será a técnica a ser utilizada para a escala do projeto e buscar estratégias para sua aplicação;
- Fazer o levantamento dos espaços intersticiais existentes na cidade de Umuarama e classificar os mesmos para que posteriormente seja possível selecionar o local de intervenção;
- Buscar compreender o fluxo viário existente e propor alternativas para o fluxo de pedestres;

³ A Carta de Lisboa tem como função estabelecer princípios que deverão nortear diferentes intervenções e o caminho para sua aplicação. A mesma será vista no capítulo 2. (CARTA DE LISBOA, 1995).

- Criar um programa de necessidades capaz de atender a maior variedade possível de usuários;
- Apresentar um anteprojeto que possa potencializar o desenvolvimento de seu entorno e faz com que as pessoas se identifiquem e se apropriem do espaço público.

1.3 Metodologia

O presente trabalho será desenvolvido por meio do método de revisão bibliográfica, para que assim seja estabelecido uma estrutura teórica capaz de contextualizar a importância do tema; caracterizar a escala da intervenção, apresentar o cenário onde o mesmo será inserido e também auxiliar na organização de processos de desenvolvimento de projeto.

Desta forma, será possível alcançar a proposta que mais se adeque ao local definido e suas respectivas necessidades. Além disso, também será utilizado o método de estudo de casos, onde por meio de obras correlatas serão levantados aspectos relacionados a conceitualização, contextualização, configuração formal, funcional e tecnológica, além de aspectos específicos de cada obra, para que desta forma seja possível compreender o projeto e seu entorno como parte de um todo, e assim absorver tudo aquilo que possa potencializar o desenvolvimento de um espaço intersticial para a cidade de Umuarama.

2 REABILITAÇÃO URBANA

Para Moura et al. (2006) ao longo do tempo, a desatualização de zonas da cidade, chamaram a atenção pela necessidade de lhes dar novas funções. Frequentemente, a oportunidade gerada pelo envelhecimento de alguns dos equipamentos e bens urbanos ali localizados chamam a atenção para possíveis valorizações dos sítios em termos imobiliários, culturais e sociais.

Deste modo, a discussão deve ser levantada pois, quando se é feito a utilização de espaços já existentes e abandonados sem qualquer contribuição a população, além de existir a possibilidade de readequar o local para as novas necessidades contemporâneas, a reforma pode reaproximar os antigos moradores que frequentavam o local, a obra se torna mais barata e consequentemente é possível fortalecer a economia e o desenvolvimento de seu entorno.

A Carta de Lisboa tem como função estabelecer princípios que deverão nortear diferentes intervenções e o caminho para sua aplicação conforme citados abaixo:

a) Renovação Urbana

Ação que implica a demolição das estruturas morfológicas e tipológicas existentes numa área urbana degradada e a sua consequente substituição por um novo padrão urbano, com novas edificações (construídas seguindo tipologias arquitetônicas contemporâneas), atribuindo uma nova estrutura funcional a essa área. Hoje estas estratégias desenvolvem-se sobre tecidos urbanos degradados aos quais não se reconhece valor como património arquitetónico ou conjunto urbano a preservar.

b) Reabilitação urbana

É uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito.

c) Revitalização urbana

Engloba operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas.

d) Requalificação urbana

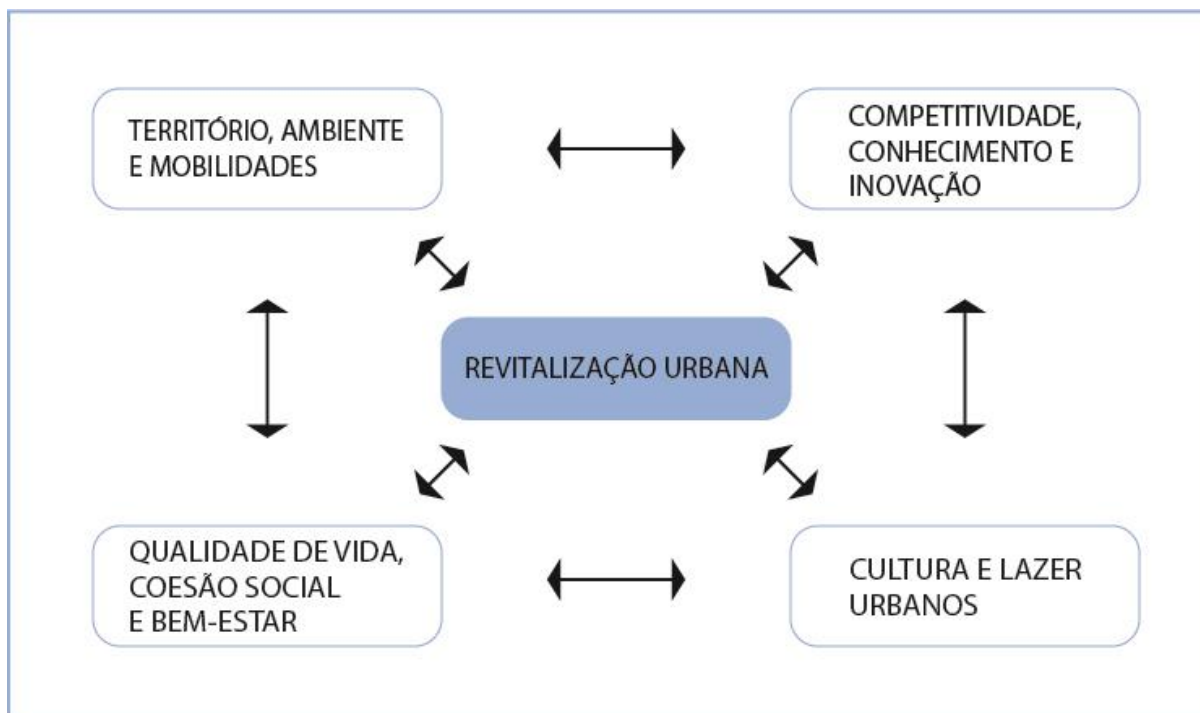
Aplica-se sobretudo a locais funcionais da “habitação”; tratam-se de operações destinadas a tornar a dar uma atividade adaptada a esse local e no contexto atual.

(CARTA DE LISBOA, 1995, p. 2)

Entende-se que no trabalho em questão, a intervenção a ser utilizada será a de Revitalização Urbana, pois, irá influenciar de forma direta em uma parte da cidade, no caso, seu entorno imediato, existindo a possibilidade de adaptações e pequenas intervenções para que assim, o espaço possa conversar como um todo e desta forma, seja possível posteriormente alavancar a economia e a utilização desse local.

Auxiliando nessa etapa de intervenção, será utilizado o esquema de dimensões de intervenção dentro da Revitalização Urbana (figura 3) desenvolvido por Moura et al. (2006). Esse esquema tem como objetivo levantar aspectos qualitativos relacionados ao local da intervenção e através de uma visão global, atuar de forma integrada em diferentes domínios e dimensões.

Figura 3 - Diferentes dimensões de intervenção dentro da revitalização Urbana.

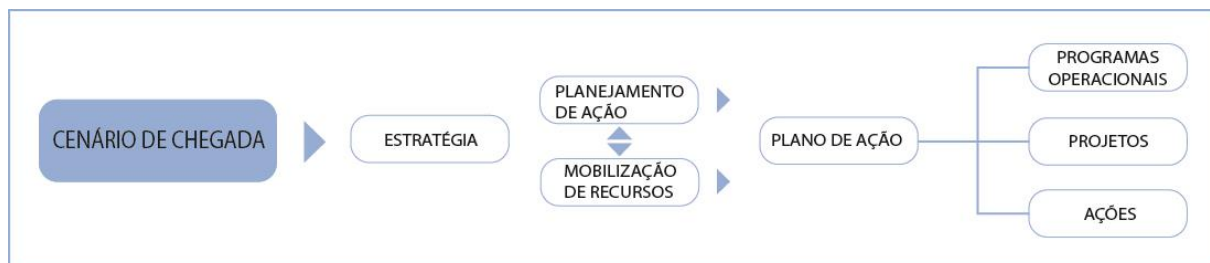


Fonte: Moura et al. 2006. Editada pelo autor.

Após a compreensão completa do espaço, será desenvolvido uma proposta com base no esquema de processo de revitalização (figura 4), também desenvolvido por Moura et al. (2006), onde é preciso definir um cenário de chegada e idealizar como essa área venha a ser após o processo de revitalização (visualizando um período entre 10 e 20 anos após a intervenção). Posterior a isso, será desenvolvido uma estratégia para alcançar esses resultados com base na situação atual do local e os recursos disponíveis para a intervenção junto as carências e necessidades ali

existentes, adquiridas através de análises, monitorização e avaliação para que assim, possa chegar em um plano de ação que é onde se apresenta a proposta de projeto, junto ao programa e ações necessárias do entorno imediato.

Figura 4 - Esquema de modelo de estratégia em um processo de revitalização.



Fonte: Moura et al. 2006. Editada pelo autor.

Portanto, fazer o levantamento da situação atual do local junto a seu entorno, idealizar o espaço em anos futuros e compreender por quem o local é utilizado atualmente e por quem deve ser utilizado posterior a execução, auxilia não só no desenvolvimento de um programa de necessidades capaz de englobar todo o público desejado, mas também na organização dos processos para que seja possível seguir uma linha de raciocínio coerente, resultando na proposta mais adequada de anteprojeto.

3 ESTUDO DE CASO

As obras escolhidas para o desenvolvimento dos Estudos de casos (Quadro 1) foram definidas de acordo com aspectos relevantes específicos apresentados no quadro abaixo, que auxiliam no desenvolvimento do projeto de revitalização do espaço intersticial.

Quadro 1 - Obras escolhidas para o Estudo de Caso

OBRA	TIPOLOGIA	ASPECTOS A SEREM ANALISADOS
The High Line (Diller Scofidio + Renfro, James Corner Field, Piet Oudolf)	Parque Linear	• Espaço de transição/permanência; • Projeto de revitalização; • Influência sobre o entorno;
Superkilen (Big Architects, Topotek 1, Superflex)	Parque	• Programa de necessidades; • Preocupação pela Diversidade Cultural; • Materiais;
Ladeira da Barroquinha (Metro Arquitetos)	Espaço de Transição	• Espaço de transição; • Solução para terreno com desnível; • Preocupação com a identidade existente;
Israel Plads (COBE, Sweco Architects)	Praça	• Materiais; • Uso para atividades comunitárias;
Skuru ParkBridge (Big Architects, Flint & Neill, Kragh & Berglund, Speirs + Major)	Espaço de Transição	• Espaço de transição/permanência sobre a natureza; • Solução para terreno com desnível;

Fonte: Autor, 2019.

3.1 The High Line

Arquitetos: Diller Scofidio + Renfro James Corner Field, Piet Oudolf⁴

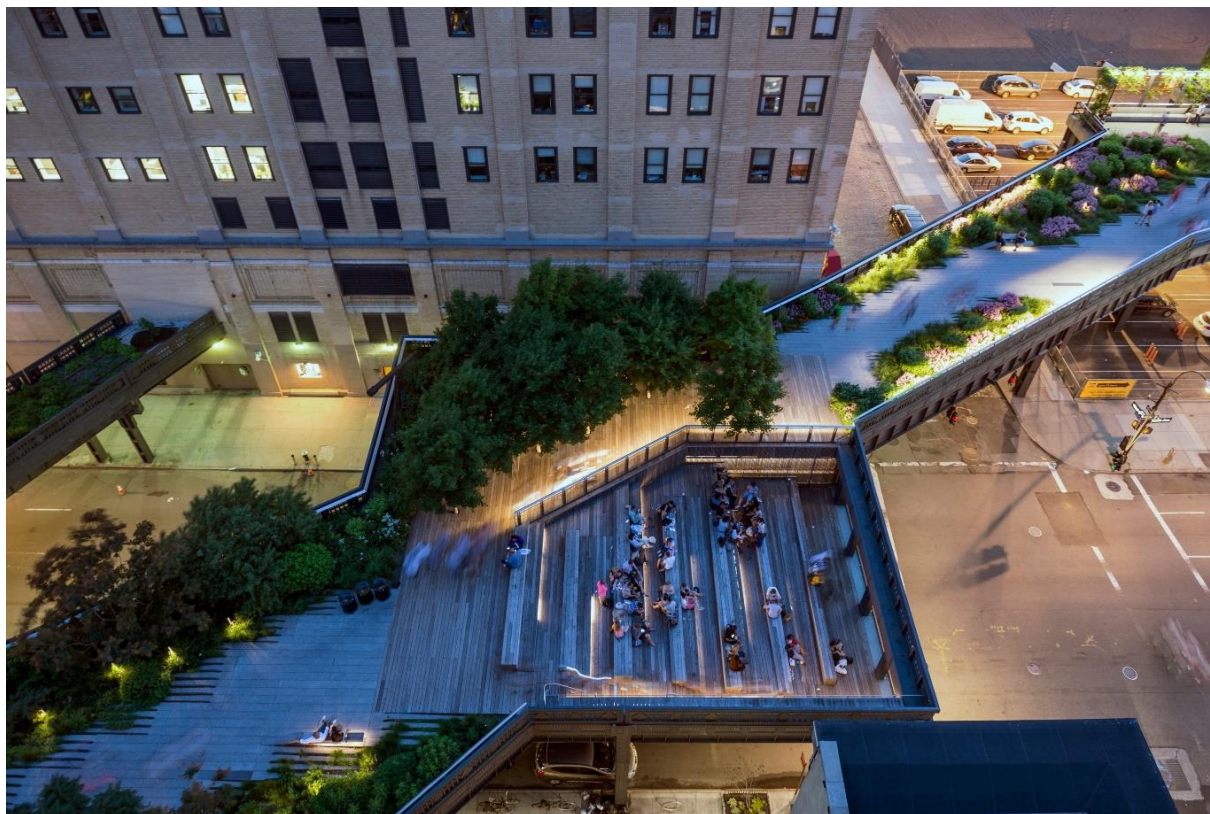
Ano: 2009 - 2014

Área: 41038,00 m² Aproximadamente

Local: Nova York, EUA

O *High Line* (figura 5) foi desenvolvido a partir da antiga linha ferroviária industrial *West Side* (figura 6), construída na década de 1930 para trens de carga onde, o último trem funcionou em 1980, há 10 metros de altura do nível da rua. O espaço funciona hoje como um parque linear suspenso sobre as ruas de Nova York, que se estende por 1,5 milhas de *West Side* em Manhattan. O projeto é consequência de um concurso de 2003 onde houve a participação de 720 equipes de diferentes nacionalidades (ARCHDAILY, 2009).

Figura 5 - Vista aérea do High Line.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019.

⁴ Todas as informações da ficha técnica foram retiradas do archdaily, 2019.

Figura 6 - À esquerda, linha ferroviária no período de funcionamento, à direita o local já abandonado.

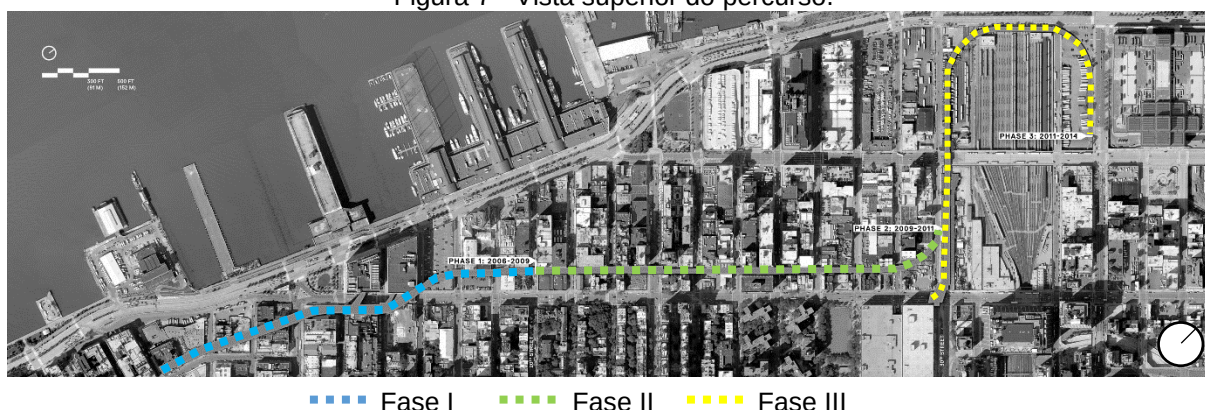


Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019. Editado pelo autor.

O *High Line* tem como partido oferecer um respiro, uma pausa, de todo o clima caótico da cidade, trazendo diferentes experiências e oportunidades de se vivenciar o espaço público com perspectivas distintas sobre seu entorno e o horizonte ali existentes. A adorada linha *High Line* de Nova York é uma máquina para gerar três tipos de atividades sociais urbanas: olhar, mover e reunir (DOMUS, 2011).

Em cada acesso existe uma surpresa, uma função diferente, e essa diversidade de funções e atividades percorre todo o projeto, fazendo com que moradores e visitantes, mesmo com suas particularidades se sintam pertencentes ao espaço, e se apropriem dele (ARCHDAILY, 2009). O que diferencia uma parte da outra é a série de micro-paisagens e áreas externas implantadas ao longo da largura variável do parque, cada cenário facilita diferentes ritmos e densidades de atividade, desde passeios tranquilos à banhos de sol plácidos (DOMUS, 2011).

Figura 7 - Vista superior do percurso.

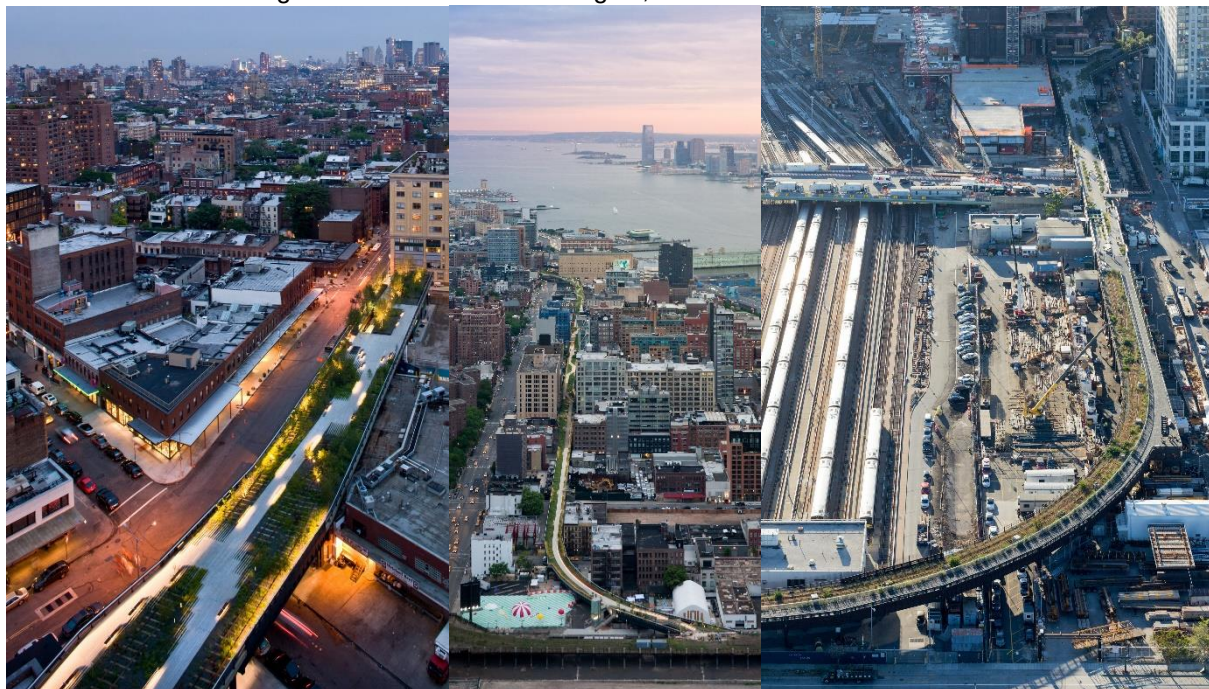


■ ■ ■ Fase I ■ ■ ■ Fase II ■ ■ ■ Fase III

Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019. Editado pelo autor.

O projeto foi dividido em três trechos (figura 7 e 8) onde, o primeiro (entre *Gansevoort Street – 20th Street*) foi inaugurado em 2009, o segundo (entre *West 20th street – West 30th street*) em 2011 e o terceiro e último em 2014 (ARCHDAILY, 2014).

Figura 8 - Em ordem cronológica, os três trechos edificadas.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019. Editado pelo autor.

É interessante observar como a intervenção dialoga com os edifícios do entorno (figura 9), através das janelas, como se fosse o passeio das calçadas existentes nos edifícios térreos. Esses apartamentos potencializam a segurança do local e como recompensa são apresentados com a diversidade das práticas ali existentes.

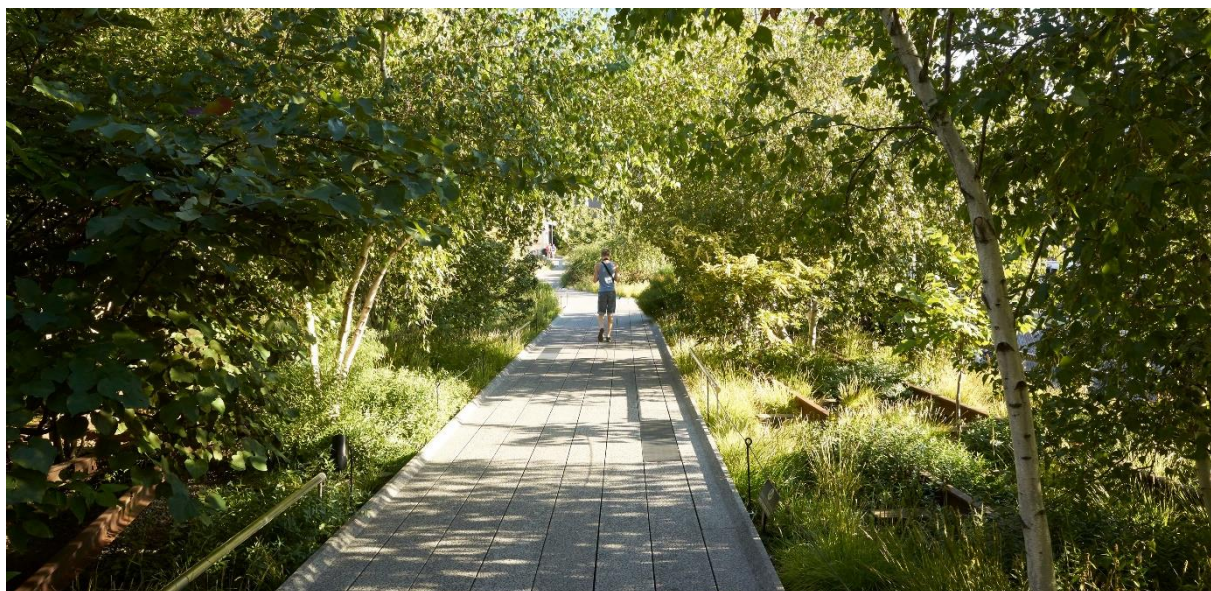
Figura 9 - Espaços destinados a caminhada e banho de sol.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019.

Inspirados pelo domínio da natureza sobre os trilhos, a equipe desenvolveu um sistema de pavimentação que potencializa o crescimento da vegetação e através de sua diversidade, traz diferentes atmosferas não só pela variedade de espécies durante o percurso (foram plantadas mais de cem diferentes espécies), mas também pelas mudanças consequentes do clima, onde flores nascem e caem, o que traz ainda mais vida para o espaço (figura 10). Os autores do projeto afirmam que a natureza recuperou uma parte da infraestrutura urbana e o novo parque interpreta sua herança (DILLER SCOFIDIO + RENFRO, 2009 - 2019).

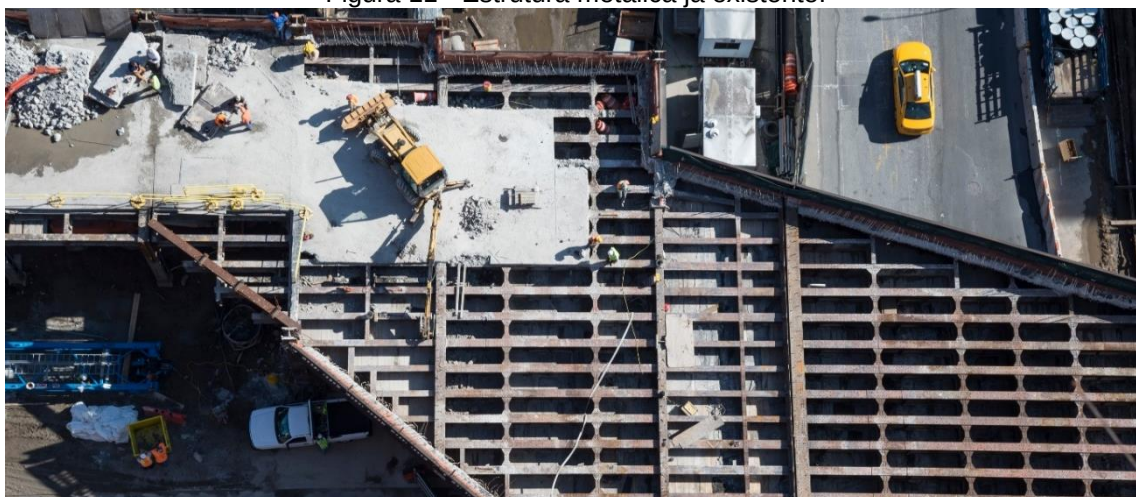
Figura 10 - A vegetação cria uma atmosfera desconexa da vida na cidade.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019.

Para viabilizar o projeto, toda a estrutura foi testada e tratada (figura 11), garantindo sua resistência. Os trilhos foram removidos e mapeados para que posteriormente fossem aplicados novamente, tornando-se um dos principais elementos do projeto, responsáveis por representar a memória do espaço, daquilo que existia antes e deu lugar para as necessidades contemporâneas sem deixar de lado seu valor antecessor ao uso atual. A pavimentação foi feita por placas de concreto pré-moldada, com uma modulação desenvolvida pela equipe onde através de rasgos aproxima ainda mais a paisagem do passeio (ARCHDAILY, 2011). A iluminação acontece através do piso, direcionando o caminhar das pessoas sem ofuscar a paisagem do entorno, permitindo assim que o céu e os edifícios façam parte do projeto.

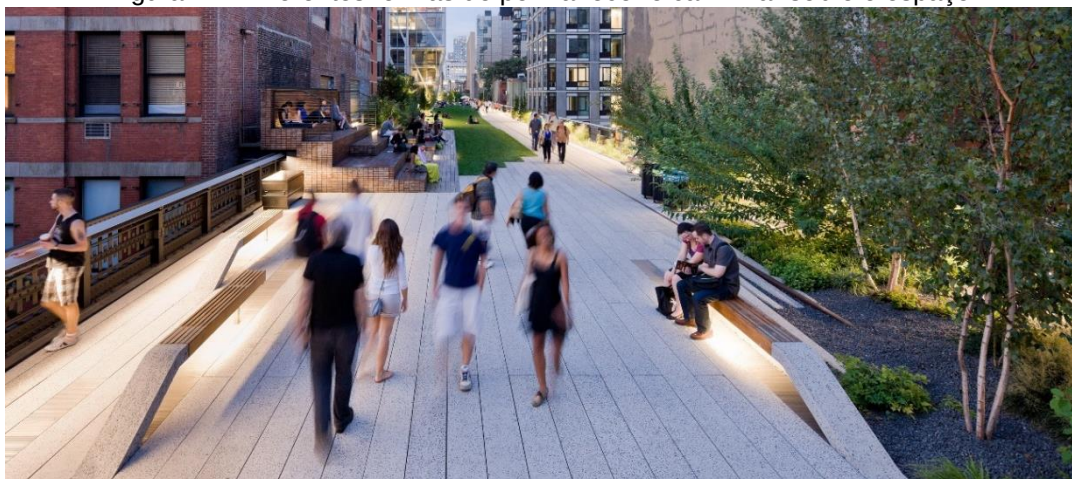
Figura 11 - Estrutura metálica já existente.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019.

A vinda do *High Line* fez com que valorizasse além do espaço da intervenção em si, todo o entorno de *West Side*, com uma diversidade de edifícios que traz vida para o local, fortalecendo assim, a economia deste entorno. O parque amplia a densidade multicamada da cidade que Rem Koolhaas chamou de "a cultura do congestionamento". A *High Line* não é um antídoto para a vida da cidade; pelo contrário, alimenta a vida da cidade. (DOMUS, 2011).

Figura 12 - Diferentes formas de permanecer e caminhar sobre o espaço.



Fonte: Diller Scofidio + Renfro, 2009 - 2019.

DIRETRIZES PARA O PROJETO:

- Potencial existente na revitalização de espaços abandonados;
- Influência na economia do entorno imediato;
- Aproximação das pessoas através de atmosferas e espaços de permanência diversificados.

3.2 Superkilen

Arquitetos: *Big Architects*, *Topotek 1*, *Superflex*⁵

Ano: 2012

Área: 30.000,00 m²

Local: Copenhagen, DK

Superkilen é um projeto de espaço público desenvolvido em um dos bairros mais etnicamente diversificados da cidade (figura 13), com aproximadamente 60 nacionalidades, cada uma com seus costumes e vontades consequentes de sua cultura. Desta forma, o partido surge através da preocupação pelos usuários ali existentes, e o desafio de conseguir não só representar a todos, mas fazer com que os mesmos se sentissem mais pertos do lar (ARCHDAILY, 2012).

Figura 13 - Vista aérea do Superkilen.



Fonte: Archdaily, 2012.

Para que existisse a representatividade de todos que por ali passam, a equipe buscou através de elementos e da diversidade do programa, como por exemplo equipamentos de ginástica de Los Angeles, palmeiras da China, neon da Rússia, entre outros, contar um pouco da história de seu entorno, que vai muito além da cultura dinamarquesa. Esses elementos foram definidos com a ajuda dos futuros usuários e são compostos por placas metálicas (figura 14) que definem sua origem escrito em

⁵ Todas as informações da ficha técnica foram retiradas do archdaily, 2019.

Dinamarquês e a língua do local de onde os mesmos vieram e representam (ARCHDAILY, 2012).

Figura 14 - Identificação da nacionalidade de cada elemento através de placas metálicas.



Fonte: Archdaily, 2012.

Os autores afirmam que o parque é uma espécie de coleção surrealista de diversidade urbana global, que de fato reflete a verdadeira natureza da vizinhança local - em vez de perpetuar uma imagem petrificada da Dinamarca homogênea (BIG, 2012 - 2019).

O entorno é composto por uso misto, onde o térreo se mantém como comércio nas ruas principais e os demais pavimentos são destinados a moradias de classe média e baixa. *Superkilen* além de surgir como um espaço responsável por representar essa diversidade cultural, emerge-se como ferramenta potencializadora da economia de seu entorno. É interessante ressaltar o respeito pelo gabarito de até 4 pavimentos que se estende por boa parte do entorno do parque e os mesmos em sua maioria, seguem também uma linguagem relacionada às técnicas construtivas dos tijolos cerâmicos. Desta forma os edifícios conversam entre si e criam uma atmosfera de pertencimento a uma cultura arquitetônica local (ARCHDAILY, 2012).

É nesta área que se encontra a zona mais multi-cultural da cidade, e foi por esse motivo que o parque “nasceu”: com o objetivo de se tornar um ponto de referência (agitando a economia desta área menos favorecida) e ao mesmo tempo, se comportando como elemento unificador das diferentes etnias (figura 15), presentes na região (BONTEMPO, 2012 - 2019).

Figura 15 - Mapeamento de elementos de acordo com sua nacionalidade.



Fonte: Archdaily, 2012.

O projeto foi dividido em três áreas (figura 16), sendo cada uma composta com suas respectivas funções, texturas e cores. Essas diferentes superfícies junto a variedade da vegetação ali existente, são integradas no objetivo de formar um ambiente novo e dinâmico para que possa chamar a atenção de todos que por ali passam e se sintam atraídos a percorrer esses diferentes percursos e perspectivas (ARCHDAILY, 2012).

Figura 16 - Planta Baixa



Fonte: Archdaily, 2012. Editado pelo autor.

A praça Vermelha (figura 17), surge como uma extensão das atividades esportivas e culturais daquele local, composta por playgrounds, áreas para práticas de ginástica e exercícios ao ar livre, pista de skate, além dos espaços de permanência, estacionamento e uma ciclovia que percorre todo o perímetro (ARCHDAILY, 2012).

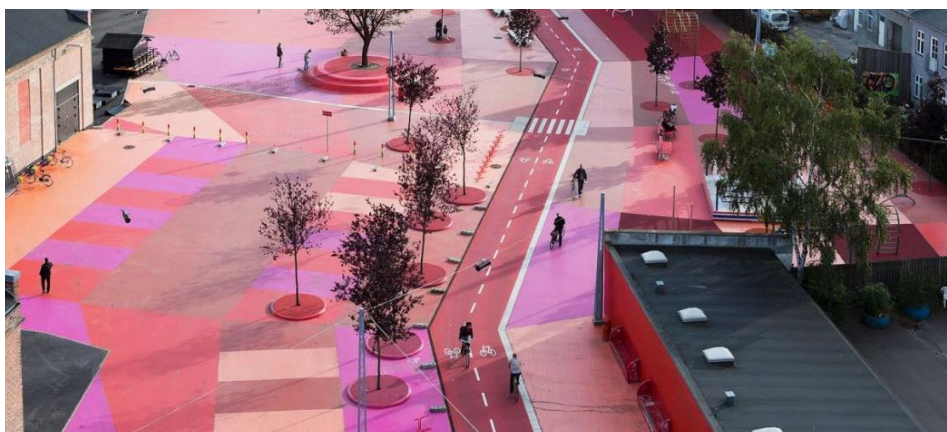
Figura 17 - Praça Vermelha.



Fonte: Archdaily, 2012.

O desenho do piso (figura 18) segue todo o percurso da primeira área, onde através de cores quentes e variadas, cria um ritmo que se estende até mesmo para a folha das árvores (exceto as árvores existentes) e alguns edifícios de seu entorno. Uma hora o piso sobe sobre o edifício e se torna uma pista de skate como em uma verdadeira brincadeira, o que potencializa a sensação de integração entre tudo aquilo que acontece por ali, estimulando o uso dos comércios e também o ato de caminhar e se encontrar com pessoas (ARCHDAILY, 2012).

Figura 18 - O desenho do piso proporciona ritmo e vida para o percurso.



Fonte: Archdaily, 2012.

A praça Preta (figura 19), é o coração de *Superkilen*, é onde as pessoas se encontram em uma fonte marroquina ou em um banco Turco, além de mais um playground voltado as crianças, mesas para jogos de tabuleiro e cadeiras para banho de sol (ARCHDAILY, 2012).

Figura 19 - Praça preta.

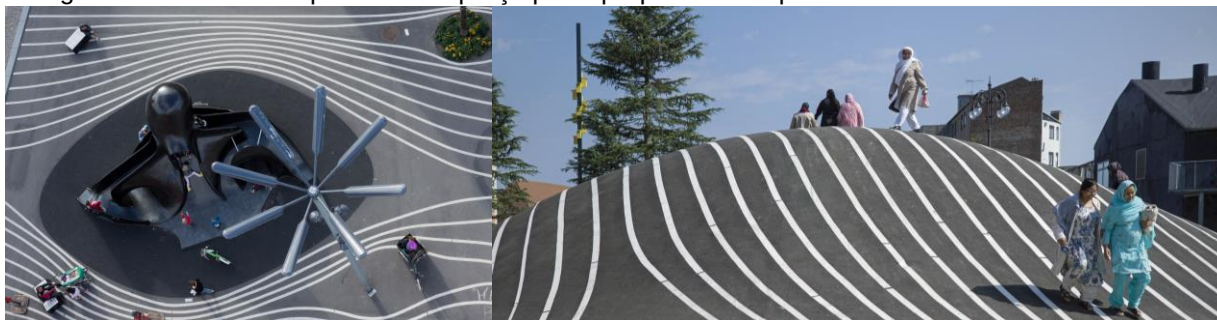


Fonte: Archdaily, 2012.

Ao contrário da geometrização existente no piso da praça vermelha, aqui o piso é demarcado através de linhas interruptas e orgânicas que também percorre todo o perímetro, desviando-se dos elementos ali existentes e trazendo uma fluidez visual através das linhas brancas que se contrastam com o fundo preto. A ciclovía continua pelo espaço e assim como as linhas do piso, direciona o ciclista a vivenciar perspectivas diferentes ao longo do percurso (ARCHDAILY, 2012).

Diferente dos países tropicais, as árvores possuem copas pequenas para que exista uma maior infiltração dos raios solares, tornando o local agradável por conta das temperaturas mais baixas que permanecem no decorrer do ano.

Figura 20 – Fluidez do percurso da praça preta proporcionada pelo contraste das linhas brancas.



Fonte: Archdaily, 2012. Editado pelo autor.

A praça verde (figura 21), permanece na linha direcionada ao esporte e ao lazer. A diferenciação entre os demais, surge da permeabilidade do piso consequente do pedido da população, onde através da grama e da irregularidade do terreno com pequenos morros, traz uma atmosfera mais natural que reflete sua situação anterior a reforma (ARCHDAILY, 2012).

Figura 21 - Praça Verde.



Fonte: Archdaily, 2012.

O espaço é composto por um playground, quadra de basquete que também é usada como pista de skate, campo de hóquei e um local destinado para tênis de mesa. Esses espaços são responsáveis por abrigar não só os jovens usuários, mas também a escola adjacente ao local (ARCHDAILY, 2012). A ciclovía se finaliza com o fim do parque, sendo interrompida apenas quando se cruza as vias destinadas aos carros. A iluminação, assim como os demais elementos, é diferente em cada um dos parques, fortalecendo a identidade desses espaços e tornando-os mais iluminados e seguros.

Superkilen é, sem dúvida, um exemplo de como o próprio terreno e os espaços vazios, junto a seus desníveis podem ser vistos como ambientes flexíveis destinados as pessoas. Enquanto crianças utilizam de sua criatividade para se apropriar do espaço, outros utilizam como locais para piquenique, encontros e locais para manifestações culturais, uma verdadeira praça onde cada um utiliza da forma que mais lhe agrada.

Figura 22 - Espaços de permanência/para o brincar.



Fonte: Archdaily, 2012.

DIRETRIZES PARA O PROJETO:

- Preocupação com a diversidade cultural existente;
- Aplicação de elementos que façam com que os usuários se identifiquem;
- A importância do entorno para o projeto;
- Uso de elementos que potencializam a caminhada e diferentes percursos.

3.3 Ladeira Da Barroquinha

Arquitetos: Metro Arquitetos Associados⁶

Ano: 2013

Área: 2.440,00 m²

Local: Salvador, Brasil

A requalificação da Ladeira da Barroquinha tem como objetivo servir o público que por ali caminha, além de ser proposto como uma extensão dos edifícios relevantes existentes. Esse local é responsável por conectar o Cinema Glauber Rocha, a Igreja da Barroquinha, o espaço cultural da Fundação Gregório Mattos, abrigar os comércios de couro que acompanham o desnível da ladeira, a praça do Cinema à céu aberto e também servir de passagem para quem sai do terminal de ônibus (VITRUVIUS, 2015).

Figura 23 - Vista aérea da ladeira da Barroquinha.



Fonte: Ilana Bessler, 2012 - 2019.

⁶ Todas as informações da ficha técnica foram retiradas do archdaily, 2019.

A ladeira e a praça do cinema, pela sua situação elevada em relação ao entorno, têm como vocação natural se tornar um mirante, tanto para a Igreja da Barroquinha como para a Baía de Todos os Santos (ARCHDAILY, 2016).

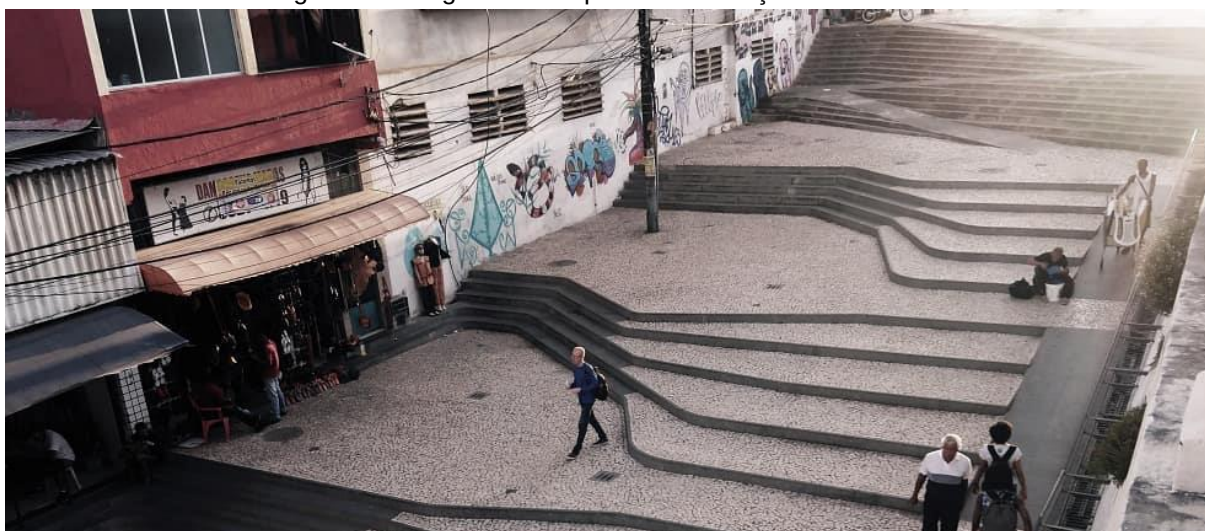
Figura 24 - Vista para a Igreja da Barroquinha.



Fonte: Ilana Bessler, 2012 - 2019.

O partido do projeto surge através do desnível contínuo, e tem como solução a criação de patamares em concordância com a inclinação da rua. Assim, através de degraus e rampas de inclinações baixas, o projeto é capaz de proporcionar diferentes percursos com velocidades distintas. O desenho das plataformas, respeita as cotas da rua, permitindo o acesso em nível e originando uma forma orgânica que se manifesta em degraus mais estreitos e largos patamares (VITRUVIUS, 2015).

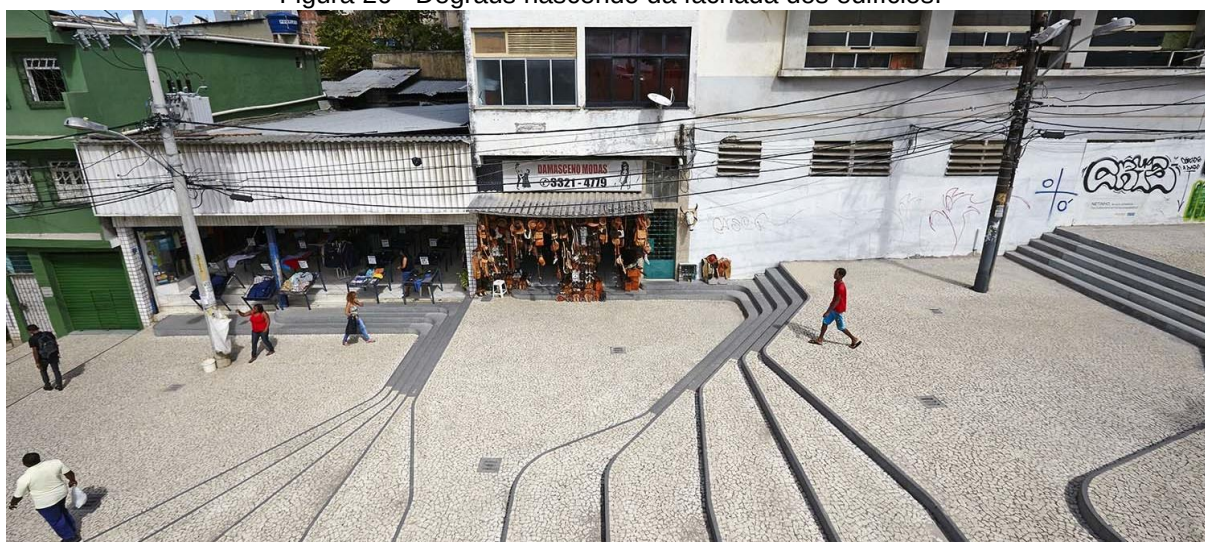
Figura 25 - Degraus e rampas como solução ao desnível.



Fonte: Ilana Bessler, 2012 - 2019.

Esses degraus parecem surgir da fachada dos edifícios comerciais, conversando com tudo aquilo que acontece por ali, e direcionando para o acesso à nova praça, destinada para um cinema ao ar livre e uma cafeteria (ARCHDAILY, 2016).

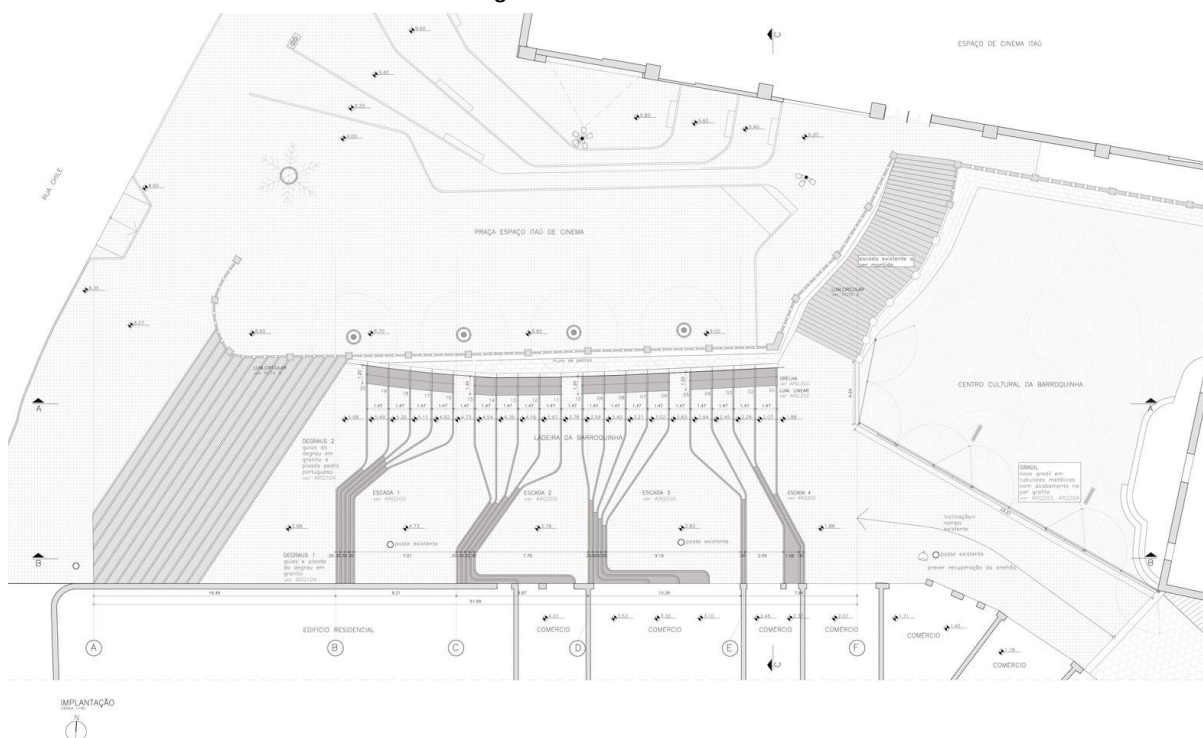
Figura 26 - Degraus nascendo da fachada dos edifícios.



Fonte: Ilana Bessler, 2012 - 2019.

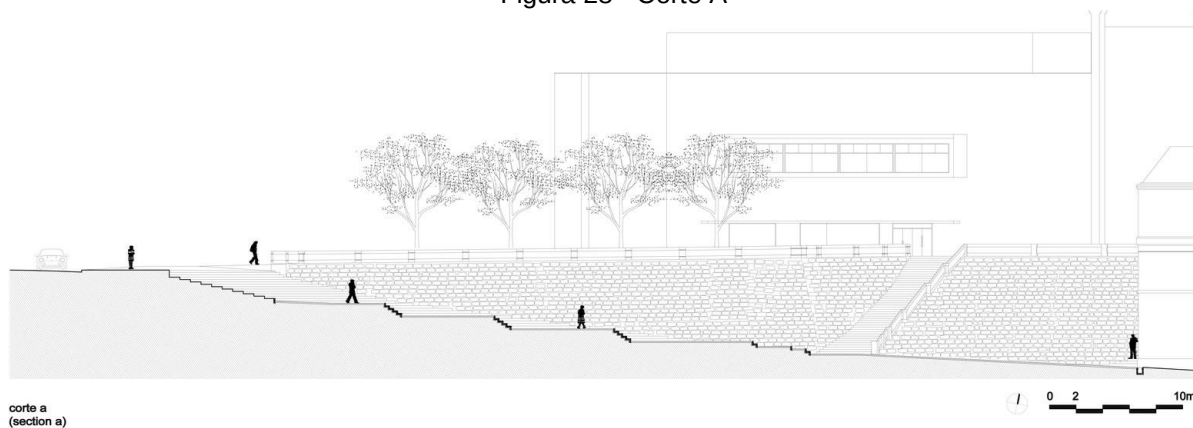
Embora sejam materiais tradicionais - mosaico português e granito - o uso de tecnologias disponíveis mais recentemente no universo da construção civil, como o corte com jato d'água, permitiram a execução das formas curvas e geometria livre e não padronizada das peças de arremate, marcando assim, os avanços tecnológicos da atualidade e diferenciando tudo o que é novo (METRO, 2019).

Figura 27 - Planta Baixa



Fonte: Metro, 2019.

Figura 28 - Corte A



Fonte: Metro, 2019.

O percurso proporciona diferentes perspectivas, o ritmo dos degraus torna o caminhar menos cansativo enquanto as fachadas próximas à rua trazem vida ao local pois, enquanto se anda, pode-se observar os produtos à venda e isso torna o espaço mais frequentado e seguro.

Em alguns degraus, a pedra portuguesa é interrompida e dá lugar ao granito, direcionando o público para sentar em locais específicos, esse granito, hora acompanha o nível dos degraus, hora se eleva como um volume maciço, servindo como local de descanso.

Figura 29 - Bancos que nascem dos degraus.



Fonte: Ilana Bessler, 2012 - 2019.

A Ladeira da Barroquinha é um exemplo claro de espaço de transição ativo, capaz de conversar com seu entorno, potencializar a qualidade espacial e acesso dos comércios, direcionar a contemplação aos edifícios históricos e trazer oportunidades acessíveis de se vivenciar a história do local através de um simples caminhar, promovendo assim a prática.

DIRETRIZES PARA O PROJETO:

- Solução acessível ao desnível existente;
- Respeito com a história do local;
- Organização do comércio e potencialização do uso de seu entorno.

3.4 Israels Plads

Arquitetos: COBE, Sweco Architects⁷

Ano: 2014

Área: 12.500,00 m²

Local: Copenhage, DK

Israel Plads (figura 30) é um espaço público de grande valor para a cidade, pois reflete sua história. Na medida em que Copenhage crescia, a praça ganhou força e se manteve constantemente utilizada pela população, até os anos 50, onde foi transformada em um estacionamento para os carros. Com o concurso de 2008, os arquitetos premiados desenvolveram uma proposta capaz de retomar a vida deste espaço e ainda direcionar o estacionamento ao subsolo. Desta forma, através da nova proposta, a ideia é celebrar o significado e a história da *Israels Plads* por meio da revitalização e transformá-la em uma vibrante e diversificada praça para todos os tipos de pessoas e atividades (COBE, 2019).

Figura 30 - Vista aérea de Israel Plads.

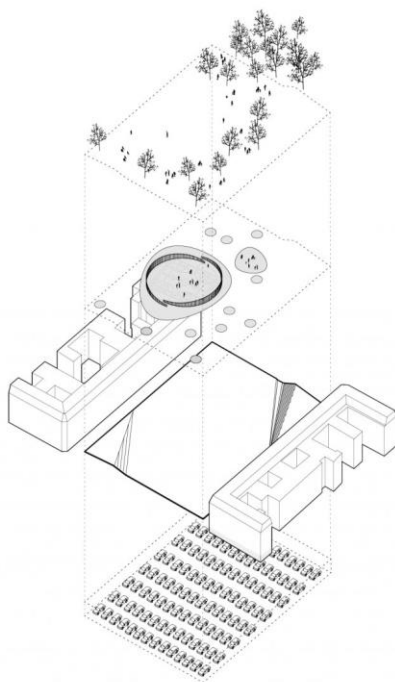


Fonte: Rasmus Hjortshøj – COSTA, 2014 - 2019.

⁷ Todas as informações da ficha técnica foram retiradas do archdaily, 2019.

A ideia da praça tem como conceito principal se comportar como um tapete voador de granito, que aterrissa sobre o espaço para os carros (figura 31) e os mesmos permanecem abaixo dele, permitindo ao pedestre a visualização apenas da praça. Esse tapete é perfurado para dar lugar a vegetação, que é rodeada por bancos que abrigam aqueles que querem permanecer por ali. Outra possibilidade surge através de degraus posicionados em suas extremidades, que funcionam como uma arquibancada e no nível da rua dão acesso ao estacionamento. Esses degraus são capazes de proporcionar uma visão mais ampla sobre a praça, como se fossem um mirante dos acontecimentos existentes (TOPOSMAGAZINE, 2019).

Figura 31 - Perspectiva esquemática dos diferentes níveis da praça.



Fonte: Rasmus Hjortshøj – COSTA, 2014 - 2019.

Além disso, a praça é composta por duas quadras de futebol e basquete, um pequeno espaço destinado ao skate, um espelho d'água utilizado pelas crianças de acordo com sua criatividade, além do espaço livre onde a população, através de bancas e barracas desmontáveis, utilizam para feirinhas e atividades da comunidade (figura 32).

Os materiais acompanham o clima cinza da cidade, contrastando com o verde da vegetação não só da praça, mas também do parque ao lado. O pavimento, em contraste com o granito claro da praça, é uma referência aos materiais tradicionais de

construções dinamarquesas e combinam com as coloridas fachadas históricas do século XVIII (TOPOSMAGAZINE, 2019).

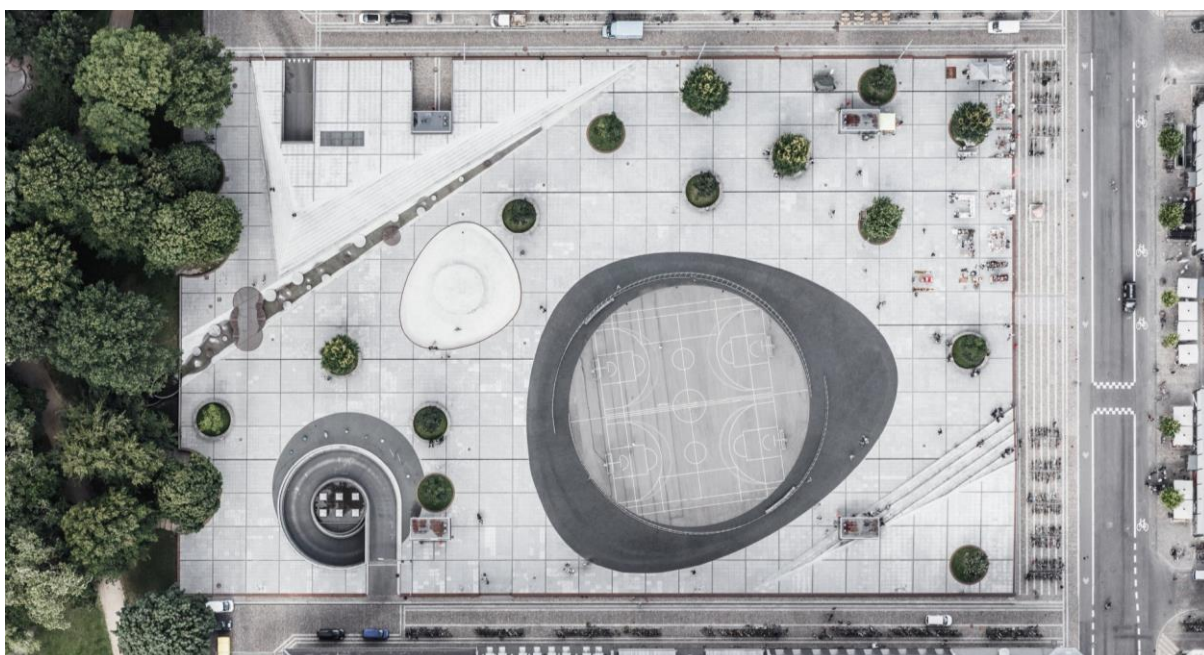
Figura 32 - Atividades desenvolvidas nos espaços livres.



Fonte: Rasmus Hjortshøj – COSTA, 2014 - 2019.

As diferentes tonalidades de cinza, junto a sua paginação vista de cima (figura 33), mostra a racionalidade existente na configuração do espaço que mesmo em partes desenvolvidas por linhas orgânicas, traz a sensação de organização e qualidade espacial, e assim, enquanto as atividades conversam entre si, nenhuma influência no funcionamento da outra.

Figura 33 - Vista superior da praça e sua racionalidade de paginação junto as linhas orgânicas destinadas às atividades.



Fonte: Rasmus Hjortshøj – COSTA, 2014 - 2019.

O entorno é composto por uma força econômica muito forte, consequente da predominância dos edifícios comerciais existentes. Os mesmos fazem com que a praça seja ainda mais utilizada pelas pessoas, seja aqueles que por ali passam a pé, de bicicleta ou de automóvel (principalmente aqueles que utilizam do estacionamento do subsolo).

Figura 34 - Vista para a praça Israel Plads e o Parque Orstedparken.



Fonte: Rasmus Hjortshøj – COSTA, 2014 - 2019.

DIRETRIZES PARA O PROJETO:

- Espaço destinado a atividades da comunidade;
- Materiais claros que contrastam com o verde;
- Espaço livre como espaço flexível;

3.5 Skuru Parkbridge

Arquitetos: Big, Flint & Neill, Kragh & Berglund, Speirs + Major⁸

Ano: 2012

Área: 10.000,00 m²

Local: Nacka, Suécia

O projeto é consequência de um concurso desenvolvido pela Administração de Transporte da Suécia que tinha como tema a proposta de conectar através de uma ponte, os dois extremos da cidade e coexistir com a ponte ao lado (KRAGH & BERGLUND, 2019).

Figura 35 - Vista aérea da ponte destinada aos carros e aos pedestres.



Fonte: Big, 2012 - 2019.

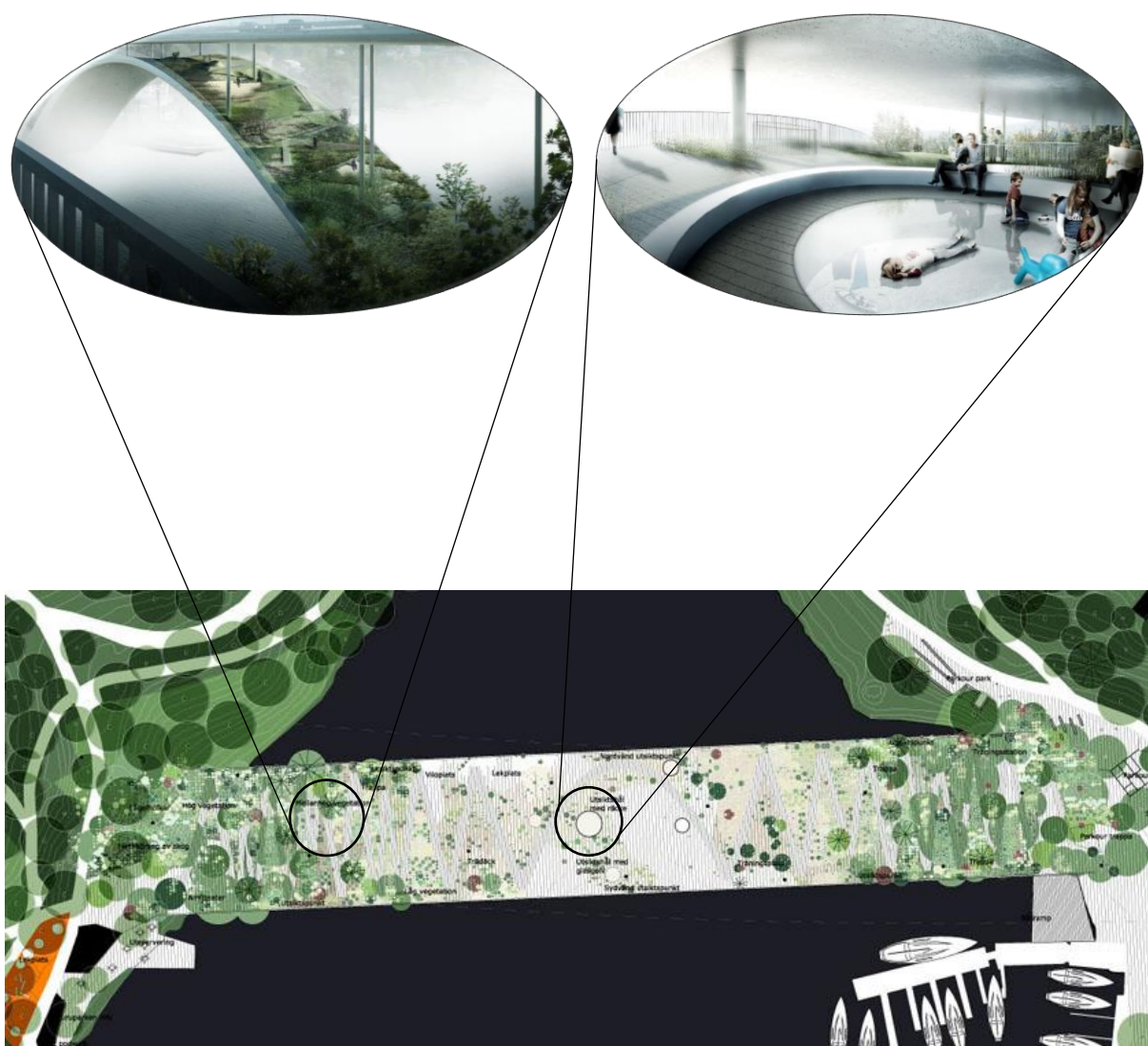
A ideia dos arquitetos tem como objetivo relacionar a infraestrutura com a natureza, e se estrutura através de três elementos principais: uma ponte inferior em forma de arco, uma ponte linear acima do arco e os pilares finos que liga as duas. A ponte em arco faz analogia à colina e é responsável por dar passagem aos pedestres, criando uma continuidade vegetal entre os dois lados (EDGAR GONZALEZ, 2019).

A ponte se conecta em um extenso sistema de trilhas em suas duas extremidades, e através da mesma é possível criar uma continuidade desse parque,

⁸ Todas as informações da ficha técnica foram retiradas do archdaily, 2019.

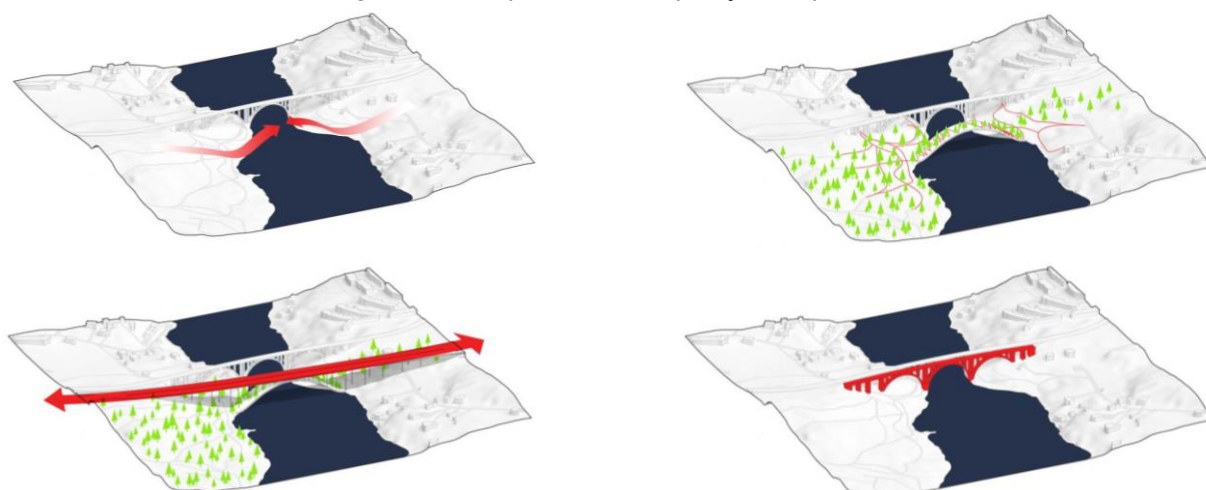
unificando o potencial dos mesmos sem ter que utilizar das vias de grande fluxo destinada aos carros. Essa conexão é feita através de rampas que percorrem todo o percurso e o torna acessível tanto para pedestres quanto para ciclistas e cadeirantes. Outra possibilidade são os degraus distribuídos ao longo do caminho, servindo como atalho e também assento para descansar ou simplesmente contemplar a paisagem em diferentes perspectivas (KRAGH & BERGLUND, 2019).

Figura 36 - Planta Baixa



Fonte: Kragh & Berglund, 2012 - 2019. Editado pelo autor.

Figura 37 - Esquema da composição da ponte.



Fonte: Big, 2019. Editado pelo autor.

O programa ali existente varia entre espaços para um café, anfiteatro, pistas de caminhada e locais especializados para excursões biológicas destinadas a instituições e escolas, entre outros. Essa variedade de vegetação foi direcionada até o caminho da ponte, com as devidas preocupações para que o vento mais forte (nos pontos mais distantes da mata das extremidades) seja atingido apenas pelas árvores mais resistentes. Essa resistência precisa ser maior, pois quanto mais longe se está da mata densa, maior será a força dos ventos. (KRAGH & BERGLUND, 2019).

Figura 38 - Vista da estratégia utilizada para vencer o grande desnível.



Fonte: Big, 2012 - 2019.

Skuru Parkbridge representa uma nova forma de infra-estrutura social que não é apenas ligada a estética e ambientalmente bem integrada com a ponte existente e a paisagem natural, mas também é ativa socialmente, criando um lugar de permanência, apropriação e transição para as pessoas que vivem e trabalham dos dois lados do estreito, tornando-se assim mais um local onde as pessoas podem utilizar de acordo com sua criatividade (BIG, 2019).

Figura 39 – Perspectiva do percurso.



Fonte: Big, 2012 - 2019.

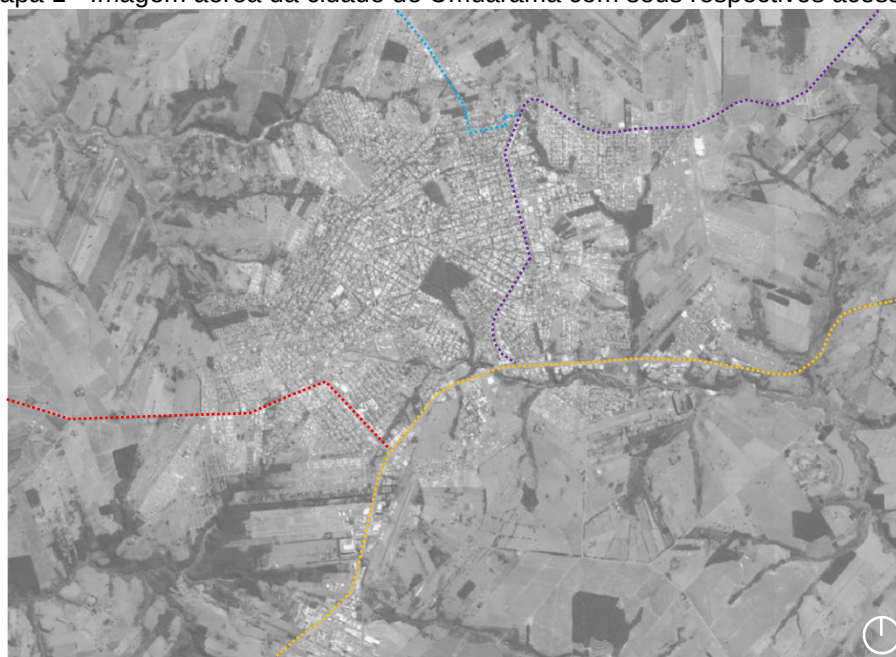
DIRETRIZES PARA O PROJETO:

- Estratégia utilizada para vencer grande desnível;
- Integração com a paisagem natural existente;
- Infraestrutura como ferramenta para aproximação dos moradores.

4 O MUNICÍPIO

De acordo com o site da prefeitura de Umuarama, o início da colonização foi datado no dia 26 de Junho de 1955, realizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Em 1960 foi elevada à categoria de município, porém, sua instalação oficial aconteceu no dia 15 de Novembro de 1961. Com o desenvolvimento do Plano Diretor feito pelo engenheiro Wladimir Babkov, foi dado início ao processo de vendas dos lotes urbanos e rurais. A cidade está localizada na região noroeste do Paraná.

Mapa 1 - Imagem aérea da cidade de Umuarama com seus respectivos acessos.



..... PR – 489 PR – 323 PR – 482 PR – 580

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

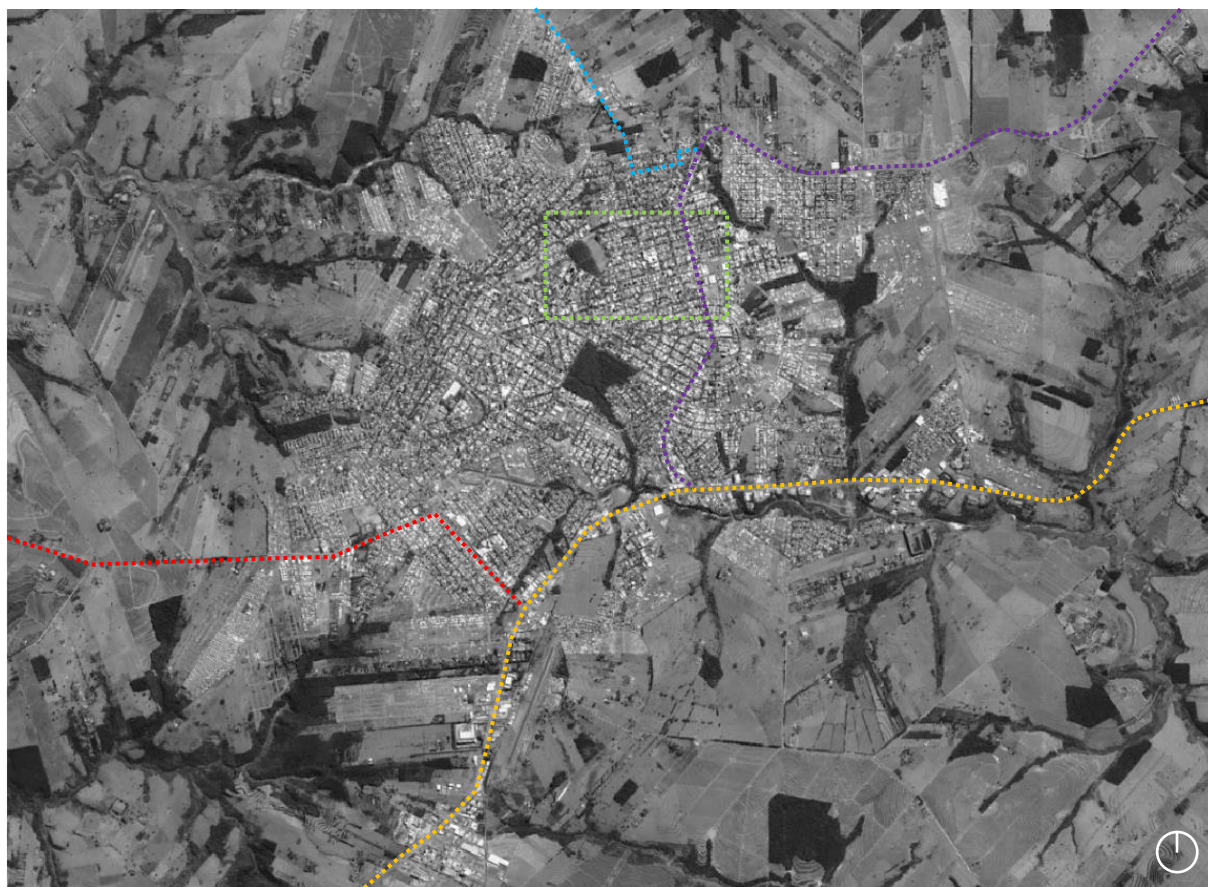
De acordo com a Associação comercial, industrial e agrícola de Umuarama (ACIU) (2019), em 1924 Lord Lovat chegou ao Norte do Paraná. Essas terras foram vendidas para Arthur Tomaz, gerente da Companhia Norte do Paraná onde assim, foi dado o início ao processo de colonização. O objetivo principal era explorar todos os recursos naturais e tirar o maior proveito do clima adequado para o plantio do café. Entre a década de 70 e 80, a população começa a migrar da zona rural para a cidade em procura de novas oportunidades de emprego. Na década de 90, a cidade começa a ser estruturada urbanisticamente. A agricultura volta não só com grãos em geral, mas também com frutas, hortaliças, entre outros, além da forte indústria pecuária (ACIU, 2019).

5 O INTERSTÍCIO URBANO

De acordo com Speck (2016) o centro é a única parte da cidade que pertence a todos. Não importa onde você more; o centro também é seu. Investir no centro da cidade é a única forma, baseada em um local, de beneficiar todos os cidadãos de uma só vez.

Sendo assim, para a presente pesquisa, dentro da área central da cidade, foi feito o levantamento de espaços intersticiais já existentes e seus respectivos potenciais para que posteriormente a isso, se desenvolva um quadro comparativo entre os mesmos, baseado em um processo de escolha utilizado por Speck (2016) junto as características relevantes para um espaço público, e assim, ter como resultado o terreno de maior potencial, onde será desenvolvido a proposta de revitalização do espaço intersticial.

Mapa 2 - Mapa da cidade de Umuarama com delimitação dos possíveis locais de intervenção.



..... PR – 489 PR – 323 PR – 482 PR – 580 Áreas de intervenção

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

Os espaços selecionados foram nomeados por Interstício I, II, III e IV. Os aspectos a serem analisados de acordo com Speck (2016) serão: o nível de caminhabilidade de acordo com o conforto e as oportunidades ali existentes; a composição do entorno (se é de uso misto, comercial ou residencial); as atividades existentes atualmente (como as pessoas utilizam desse espaço); e por último as potencialidades em geral, onde se apresenta quais são os pontos positivos deste local e seu contexto.

Mapa 3 - Levantamento de espaços intersticiais já existentes na cidade de Umuarama.



Interstício I Interstício II Interstício III Interstício IV

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

Figura 40 – De cima para baixo, Interstícios I, II, III e IV.



Fonte: Autor, 2019.

Quadro 2 - Análise do interstício I.

Espaço I	
Nível de caminhabilidade (conforto e oportunidade)	Espaço não pavimentado, sem arborização e desnível de 12 metros em um curto percurso. O local possui iluminação pública e se apresenta com a devida manutenção necessária para seu uso atual.
Composição do entorno	O entorno é composto de uso misto (residencial e comercial), predominantemente residencial. Os edifícios relevantes de seu entorno são: Colégio Estadual Pedro II, Colégio Estadual Princesa Isabel, Senac e Sesc.
Atividades existentes	Espaço destinado atualmente apenas para transição.
Potencialidades em geral	O local é utilizado com grande frequência por estudantes e moradores que buscam fazer a conexão entre a Rua Icaraíma e a Av. Duque de Caxias servindo como atalho para o percurso. O mesmo possui ponto de ônibus em suas proximidades

Fonte: Autor, 2019.

Quadro 3 - Análise do Interstício II.

Espaço II	
Nível de caminhabilidade (conforto e oportunidade)	A pavimentação é existente até a metade do percurso, o mesmo é sombreado pela vegetação do bosque (terreno ao lado), porém, o acesso pela rua atualmente se encontra bloqueado podendo ser feito então apenas pelo bosque. O local não é iluminado e não possui manutenção. O terreno possui 12 metros de desnível de um lado e 8 m do outro, porém são distribuídos em um percurso longo (dimensão total do espaço é de 400 m de distância).
Composição do entorno	O entorno é composto por uso misto (residencial e comercial), predominantemente residencial. Os edifícios relevantes de seu entorno são: Bosque Uirapuru, Estádio Municipal Lúcio Pepino, Feira de Produtores Rurais de Umuarama, Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes de Umuarama, Senac e Sesc.
Atividades existentes	O espaço abriga atividades desenvolvidos pela prefeitura em datas especiais e também é utilizado para a prática de treinos aeróbicos e brincadeiras infantis.
Potencialidades em geral	O uso de seu entorno tem forte relação com o espaço público e a concentração de pessoas, a dimensão do espaço oferece diferentes possibilidades de uso, pode ser elaborado como extensão das funções já existentes e ainda oferecer conexão entre as duas avenidas de grande importância, a Av. Ângelo Moreira da Fonseca e a Av. São Pedro. O local possui ponto de ônibus em suas proximidades.

Fonte: Autor, 2019.

Quadro 4 - Interstício III

Espaço III	
Nível de caminhabilidade (conforto e oportunidade)	Espaço pavimentado e iluminado. A rua é plana e possui irregularidades apenas por conta da falta de manutenção. Em uma parte do percurso existe uma cobertura escultural e no restante as árvores de grande porte são responsáveis por sombrear o caminhar.
Composição do entorno	O entorno é composto por uso misto (residencial e comercial), predominantemente Comercial. Os edifícios relevantes de seu entorno são: Universidade Paranaense de Ensino e Cultura, Igreja Matriz e Colégio Alfa.
Atividades existentes	Espaço destinado a transição entre a Rua das Flores e a Rua Cambé, funciona também como praça de alimentação no período noturno e como comércio e permanência durante o dia.
Potencialidades em geral	O local é utilizado em boa parte do tempo por funcionários e estudantes da universidade, então acaba sendo um espaço de uso frequente, o mesmo também é utilizado regularmente para a transição entre as ruas. Por conta das variedades relacionadas a alimentação no período da noite, o espaço se torna mais seguro. O local possui ponto de ônibus em suas proximidades

Fonte: Autor, 2019.

Quadro 5 - Interstício IV.

Espaço IV	
Nível de caminhabilidade (conforto e oportunidade)	Espaço privado, parcialmente pavimentado e com algumas árvores já na fase adulta. Desnível baixo de aproximadamente 3 metros que trabalhado no percurso do terreno se torna mínimo.
Composição do entorno	O entorno é composto por uso comercial. Os edifícios relevantes de seu entorno são: Instituto Politécnico Eficaz, Praça Arthur Tomas, Av. Paraná e todo o potencial da área comercial.
Atividades existentes	Espaço destinado atualmente apenas como estacionamento privado
Potencialidades em geral	O local se encontra em uma área de grande fluxo de pessoas por conta dos edifícios comerciais ali existentes no entorno. O local possui ponto de ônibus em suas proximidades.

Fonte: Autor, 2019.

Para o desenvolvimento de um proposta de revitalização de um espaço intersticial foi escolhido o Espaço II, devido a sua localização, composta por uso misto, por conta das atividades que acontecem em suas proximidades relacionadas ao esporte (Sesc, Bosque Uirapuru e o Estádio Lúcio Pepino), a educação (Escolas), ao lazer (Bosque Uirapuru), as atividades desenvolvidas em comunidade (Feira de

Produtores Rurais) e também as práticas relacionadas a cultura (Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes de Umuarama).

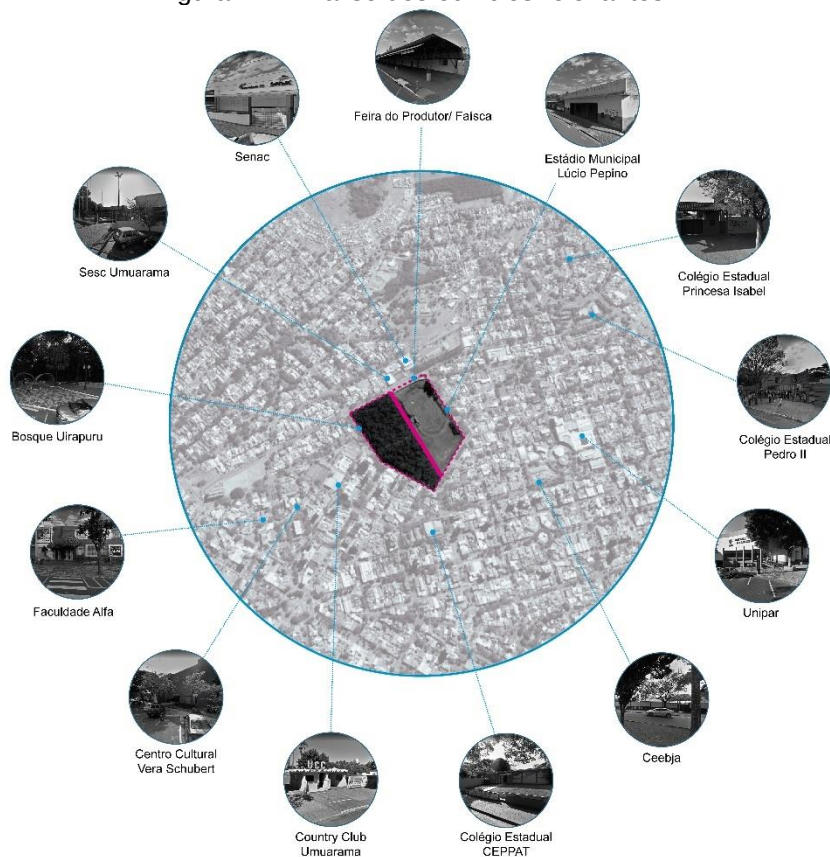
Atualmente, algumas pessoas já tentam se apropriar do espaço de diferentes formas, mesmo com a carência de locais adequados para as funções desejadas. Portanto, espera-se que com a proposta seja possível trazer mais vida ao local, maiores possibilidades de apropriação e principalmente, uma integração entre todas as atividades que acontecem ao redor do espaço intersticial em questão, formando um forte ponto de encontro entre os moradores da cidade. Todos esses aspectos serão discutidos através das análises apresentadas a seguir.

5.1 Análise do terreno

5.1.1 Edifícios Relevantes

A análise dos edifícios relevantes tem como objetivo compreender quais são os principais edifícios do entorno para que assim, seja possível identificar os usuários que frequentam constantemente esses espaços.

Figura 41 - Análise dos edifícios relevantes.



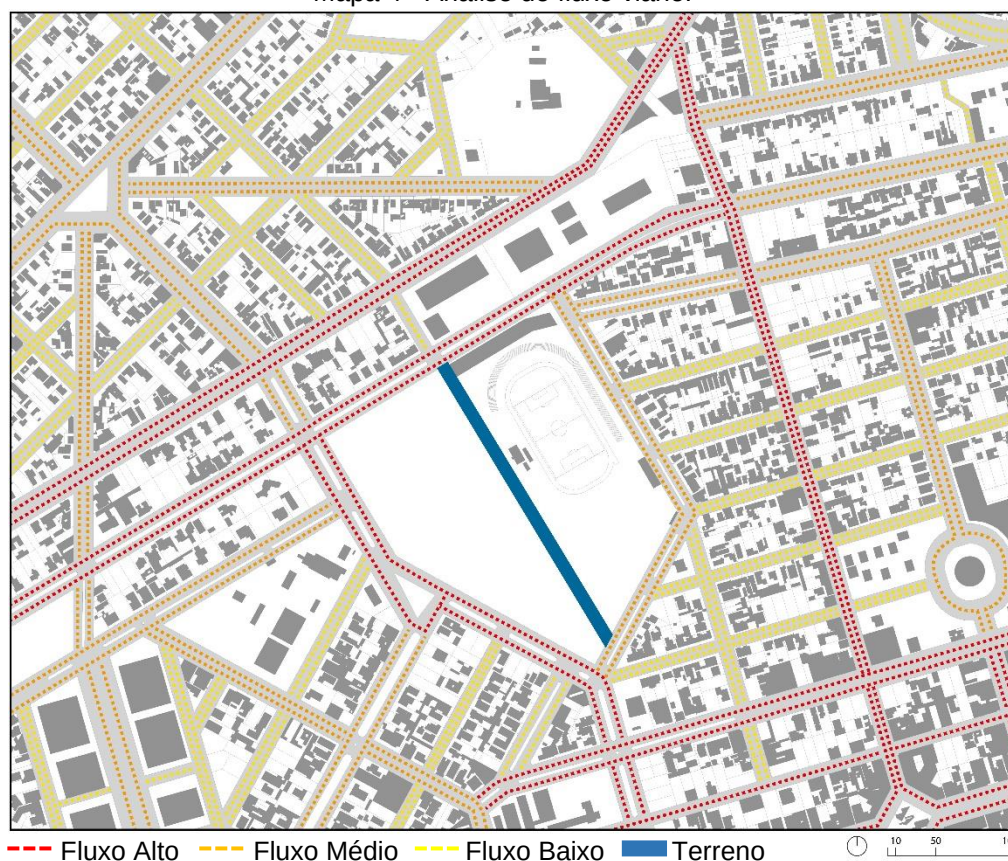
Fonte: Google Earth, 2017. Editado pelo autor.

Através deste levantamento é possível identificar um grande número de pessoas que frequentam a região diariamente, seja para estudar, trabalhar ou para a busca pelo lazer e pelo esporte. O fato é que todos esses destinos podem ter como parte do percurso a passagem por esse espaço intersticial, fazendo com que os mesmos possam se identificar com o local e possam vir a frequentar em um outro momento. É possível também que, com a conexão entre as duas avenidas que liga o espaço, as pessoas se sintam convidadas a fazer uma caminhada, e através do ato, vivenciem um pouco das diferentes perspectivas que a cidade pode proporcionar a quem anda a pé.

5.1.2 Fluxo viário

A análise do fluxo (Mapa 4), tem como objetivo buscar uma melhor compreensão do funcionamento das vias próximas do terreno de intervenção para que caso seja necessário, possa ser desenvolvido uma estratégia que auxilie na distribuição dos fluxos de carros e pedestres.

Mapa 4 - Análise do fluxo viário.



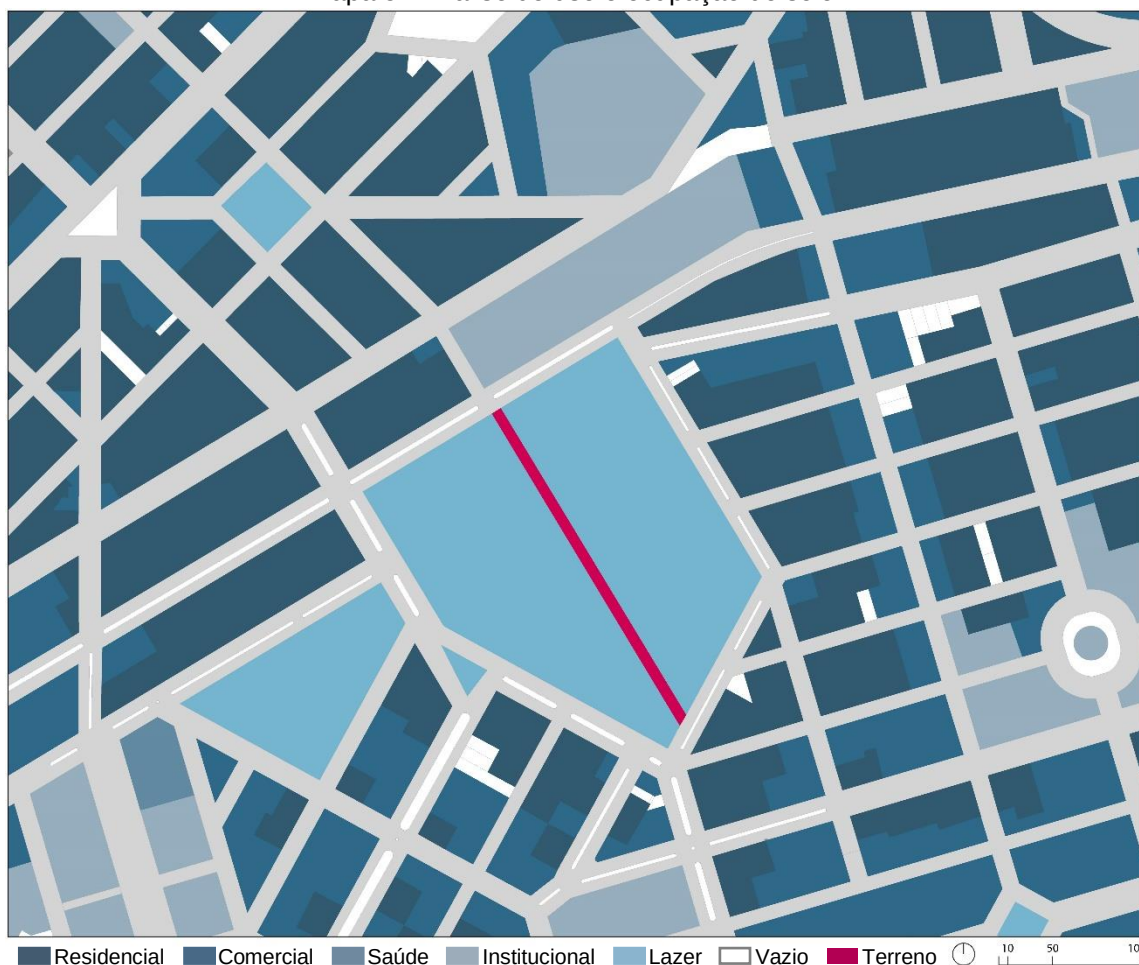
Fonte: Autor, 2019.

As duas extremidades do terreno são compostas por avenidas que circulam toda a quadra do bosque e do estádio, distribuindo o tráfego para as ruas de menor fluxo. O acesso aos pedestres se dá pelos passeios que variam entre dois e quatro metros, e que em boa parte do percurso, exige manutenções para seu uso. A área é bem abastecida em relação as vagas para veículos, e as vias se encontram em ótimo estado, com sinalização adequada e sinaleiro, o que evita congestionamentos e acidentes frequentes.

5.1.3 Uso e ocupação do solo

A análise de uso e ocupação do solo (Mapa 5) tem como finalidade entender quais são os usos predominantes dos edifícios do entorno, para que assim, seja possível identificar quais os usuários que por ali passam e permanecem, além de compreender a rotina dos mesmos e de quais formas o projeto poderia acolhe-los.

Mapa 5 - Análise do uso e ocupação do solo.



Fonte: Autor, 2019.

O entorno de uso misto tem como predominância o uso residencial, o que fortalece ainda mais a necessidade de se trabalhar com um espaço público responsável por abrigar as atividades comuns destinadas às pessoas. O uso comercial e institucional também auxilia na apropriação do espaço, pois o mesmo pode ser utilizado como um local de desconpressão nos intervalos da rotina, ou no desenvolvimento de atividades de cunho educacional.

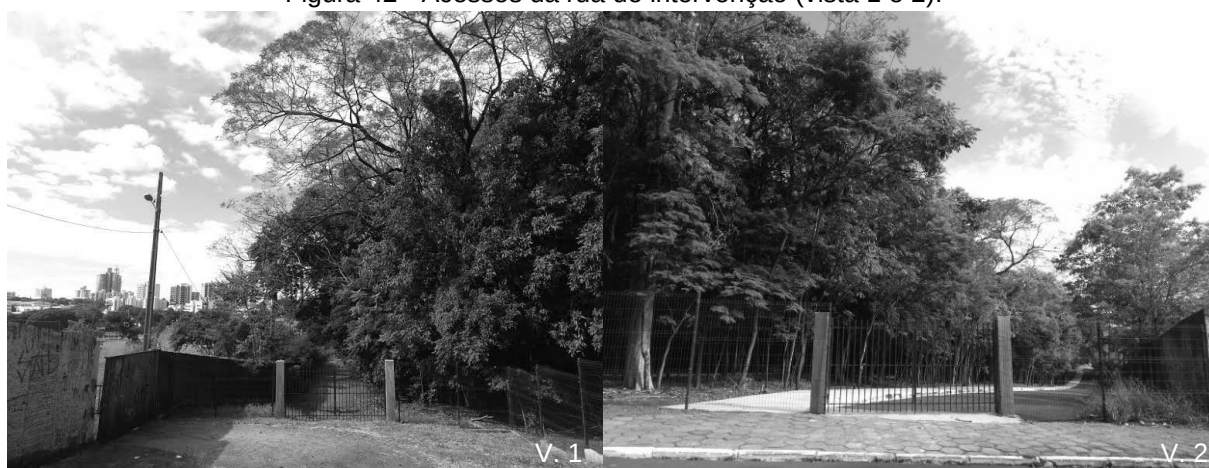
5.1.4 Situação atual do terreno

Mapa 6 – Vistas do terreno.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 42 - Acessos da rua de intervenção (vista 1 e 2).



Fonte: Autor, 2019.

Os acessos direto a rua podem ser feitos pela Av. Ângelo Moreira da Fonseca (Vista 1) ou pela Av. São Pedro (Vista 2). Esses acessos permanecem fechados durante boa parte do ano, sendo abertos apenas em eventos específicos desenvolvidos pela prefeitura.

Figura 43 - Desnível do terreno (vista 3 e 4).



Fonte: Autor, 2019.

O terreno é composto por um desnível de 12 metros em um dos lados e 8 metros do outro, tornando-se mais plano na medida em que se aproxima do centro (Vista 3). A rua se encontra asfaltada até a metade do percurso, em contrapartida, o restante ainda permanece permeável (Vista 3 e 4). Essa área pavimentada tem conexão com o playground do bosque (Vista 5), porém não existe qualquer relação entre os dois espaços.

Figura 44 - Conexão entre o bosque e a rua (Vista 5 e 6).



Fonte: Autor, 2019.

Atualmente o local é aberto para o Bosque Uirapuru (Vista 5), sem qualquer barreira física, enquanto o estádio ao lado é fechado por um muro de aproximadamente 3 metros de altura que percorre todo o perímetro do mesmo (Vista 6). No decorrer da extensão do muro, existem acessos através de portões que possibilitam a passagem de pedestres e automóveis, porém, aparentemente esses acessos não são utilizados.

Figura 45 - Estádio Lúcio Pepino (Vista 7 e 8).



Fonte: Autor, 2019.

O volume existente ao lado do muro é responsável por abrigar os vestiários, banheiros, depósito, torre para a imprensa e assento para os jogadores. A barreira física e visual faz com que os espaços transmitam uma maior sensação de insegurança e desconforto, pois, desta forma não pode ser visto pelos pedestres o que por ali acontece.

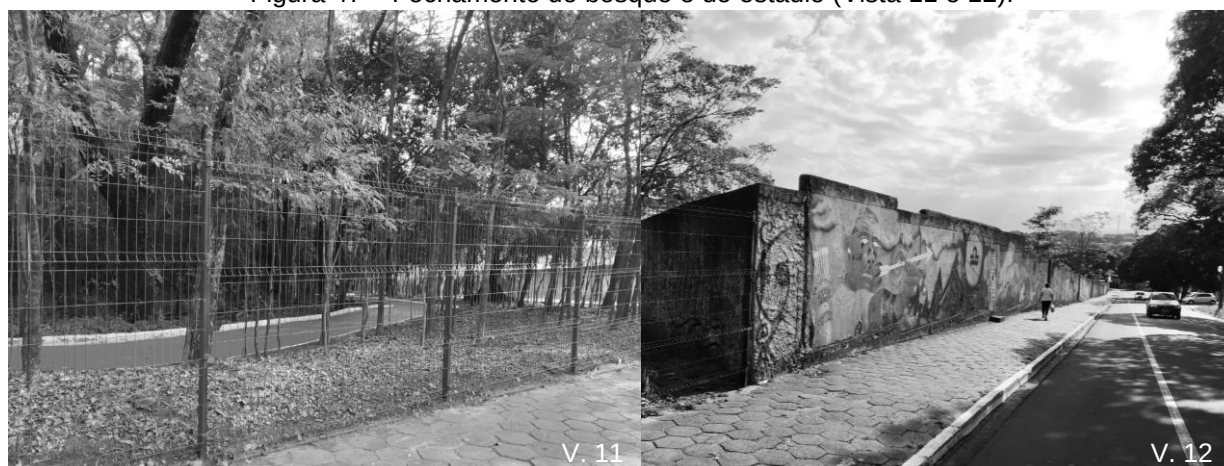
Figura 46 - Cobertura metálica responsável por abrigar eventos semanais (Vista 9 e 10).



Fonte: Autor, 2019.

A cobertura metálica existente na Av. Ângelo Moreira da Fonseca é responsável por abrigar a Feira do Produtor na quarta-feira e a Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultural e Artes aos sábados. A diferença entre elas, além do público que a frequenta, está na organização de sua estrutura. A feira de quarta é composta por barracas desmontáveis distribuídas ao longo do percurso, enquanto a feira de sábado é mais flexível, os produtos são expostos em mesas ou até mesmo sobre o chão (figura 9). O único elemento construído, além da cobertura, é a I.S. e uma bancada para a higienização dos produtos.

Figura 47 – Fechamento do bosque e do estádio (Vista 11 e 12).



Fonte: Autor, 2019.

A diferença entre os materiais de fechamentos cria uma interrupção visual entre os mesmos, desfavorecendo a vista de quem passa por ali. O muro traz uma impressão de local particular, nada acessível à população.

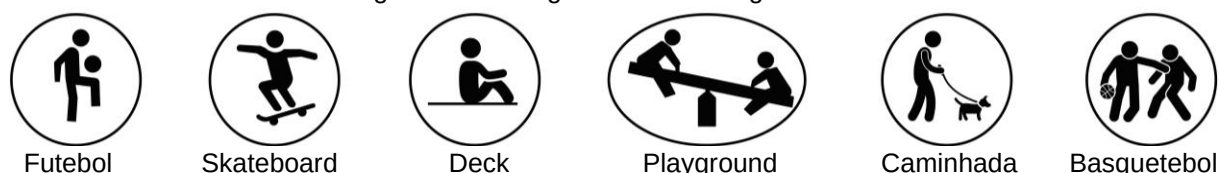
Por mais que o espaço entre os dois lotes seja estreito (12 metros de largura por 400 metros de comprimento) e abrigado por barreiras laterais, a ventilação acontece através dos acessos principais existentes nas avenidas São Pedro e a Ângelo Moreira da Fonseca, mas principalmente pelo bosque e as copas das árvores (o bosque é uma área de preservação com 5 ha de extensão) que são responsáveis por trazer uma atmosfera constituída do clima, do cheiro, das cores e de todas as texturas que trazem uma identidade natural em meio à cidade, tornando possível a desconexão do centro urbano.

As atividades já existentes no entorno são: quadra de areia, bocha, playground, mesas para jogos de carta e espaço para exercícios (Bosque Uirapuru); quadra de futsal e areia (Sesc); campo de futebol (Estádio Lúcio Pepino); Feira do produtor (nas quartas-feiras) e a feira Agroecológica (aos sábados). Essas atividades serão demarcadas na Análise 5.1.6.

5.1.5 Principais usos do espaço público na cidade de Umuarama

Para compreender como o espaço público é utilizado em Umuarama, foi feito um levantamento das atividades mais praticadas e sua localização.

Figura 48 - Pictogramas e seus significados.



Fonte: Autor, 2019.

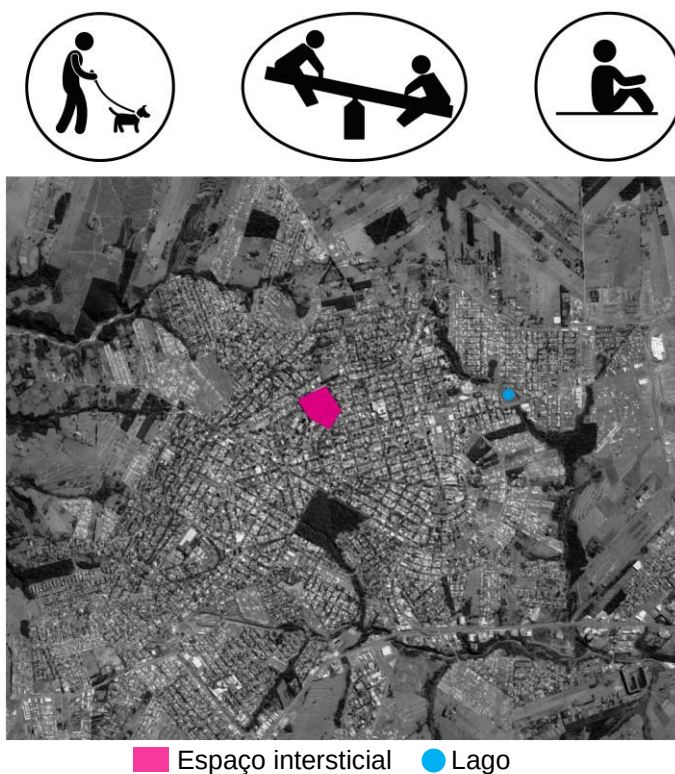
Desta forma, posteriormente as análises, será possível trazer para o espaço intersticial essas funções, e junto a elas a maior variedade de usuários possível.

Figura 49 – Esquema de diversidade de público.



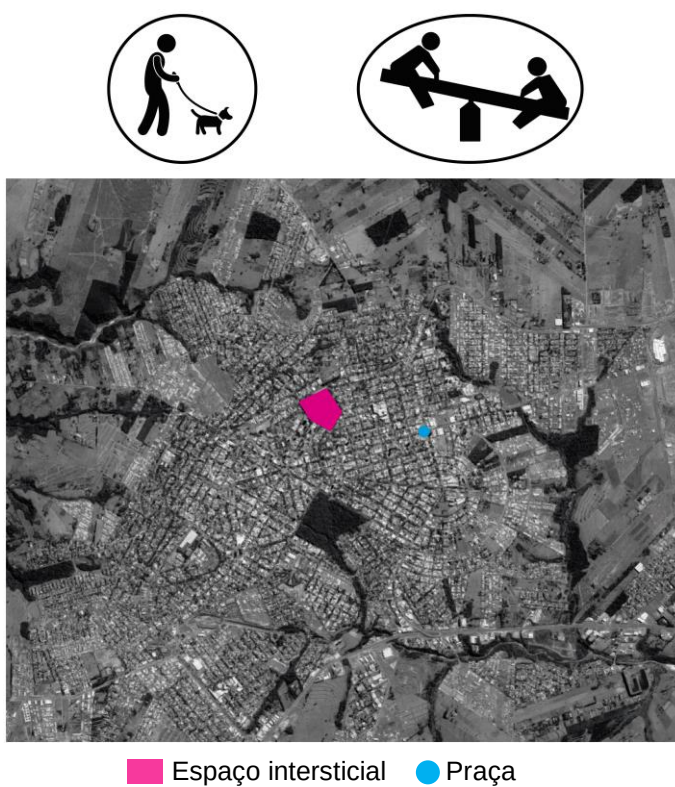
Fonte: Autor, 2019.

Figura 50 - Principais usos do Lago Aratimbó.



Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

Figura 51 - Principais usos da Praça Miguel Rossafa.



Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

Figura 52 - Principais usos da Praça Dr. Antônio Moraes Barros.



■ Espaço intersticial ● Praça

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

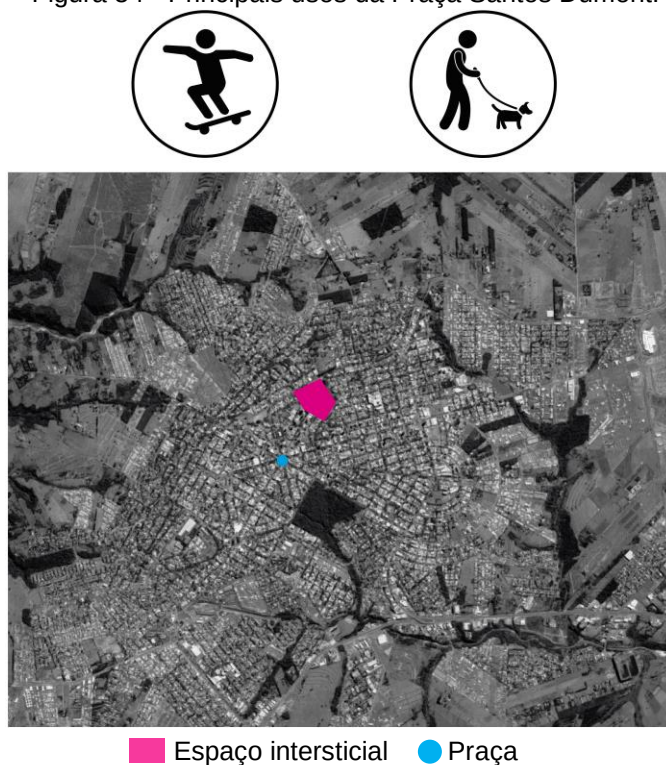
Figura 53 - Principais usos da Praça do Japão.



■ Espaço intersticial ● Praça

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

Figura 54 - Principais usos da Praça Santos Dumont.



Fonte: Google Earth, 2019. Editado pelo autor.

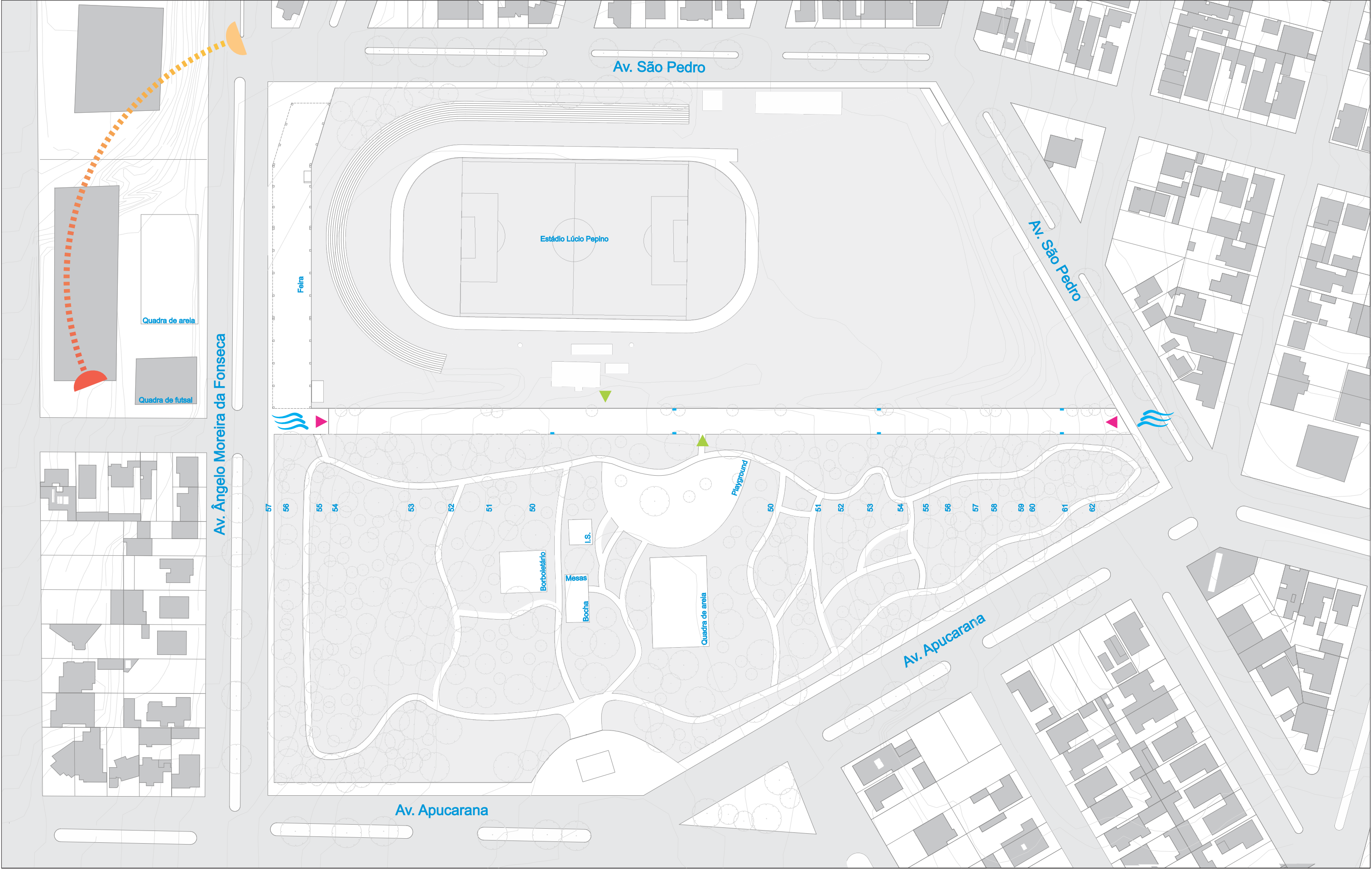
5.1.6 Análises esquemáticas

As análises esquemáticas tem como função auxiliar na compreensão do entorno, na forma em que a volumetria dos edifícios se comporta em relação ao terreno, como acontece o desnível e quais os locais mais adeptos a cada função, por onde os ventos predominantes passam e qual o percurso do sol.

Figura 55 - Análise esquemática 3D

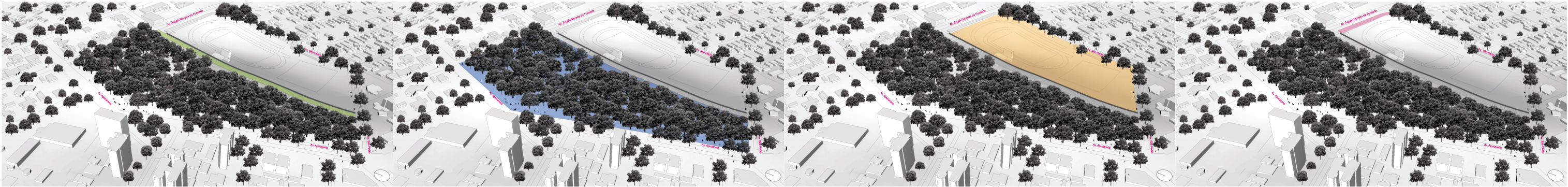


Fonte: Autor, 2019.



Atualmente, a rua de intervenção se encontra em situação de enclausuramento, onde existe uma linha de separação entre três locais de grande importância para a cidade, o bosque Uirapuru, o estádio Lúcio Pepino e a Feira;

Figura 59 - Da esquerda para a direita, a rua de intervenção, o bosque, o estádio e a feira.



Fonte: Autor, 2019.

Essas divisões fazem com que os mesmos funcionem de forma independente, desvalorizando o entorno e consequentemente gerando a falta de interesse das pessoas pela utilização dos demais espaços;

Portanto, levando em consideração a compatibilidade das funções existentes destinadas ao lazer, ao esporte, ao comércio e a cultura, o partido surge através da integração dessas funções;

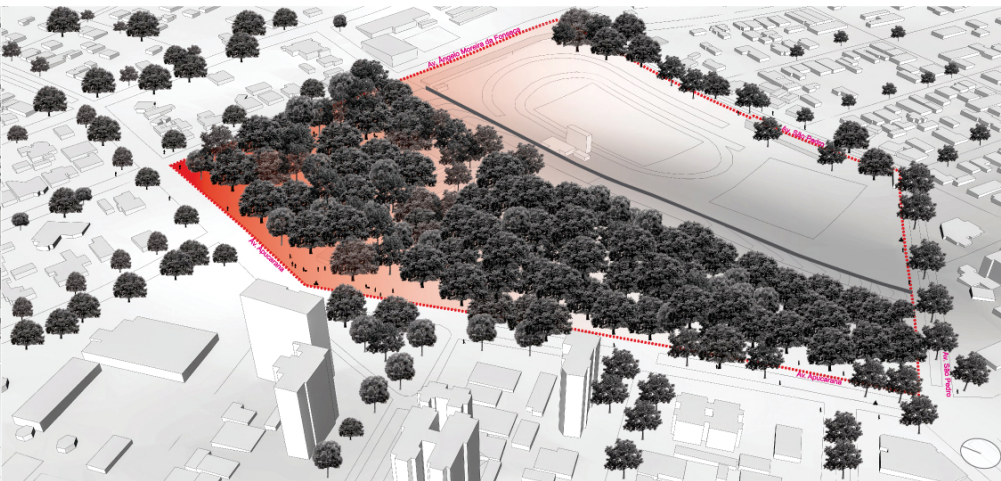
Desta forma, quando os mesmos se conectam, proporcionam o caráter de um só espaço, complementando-se e tornando-se uma forte potência de natureza pública destinada a toda a população do município de Umuarama.

Figura 60 - Espaços e suas delimitações.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 61 – Delimitação total.



Fonte: Autor, 2019.

Figure 62 - Integração entre os espaços.



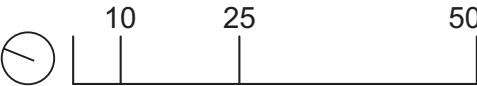
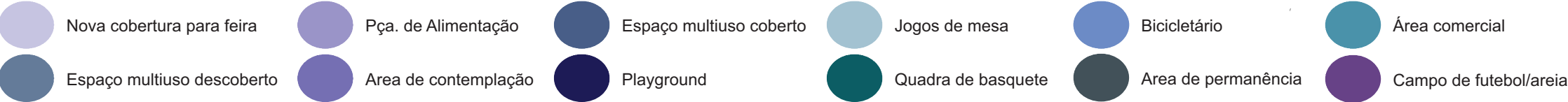
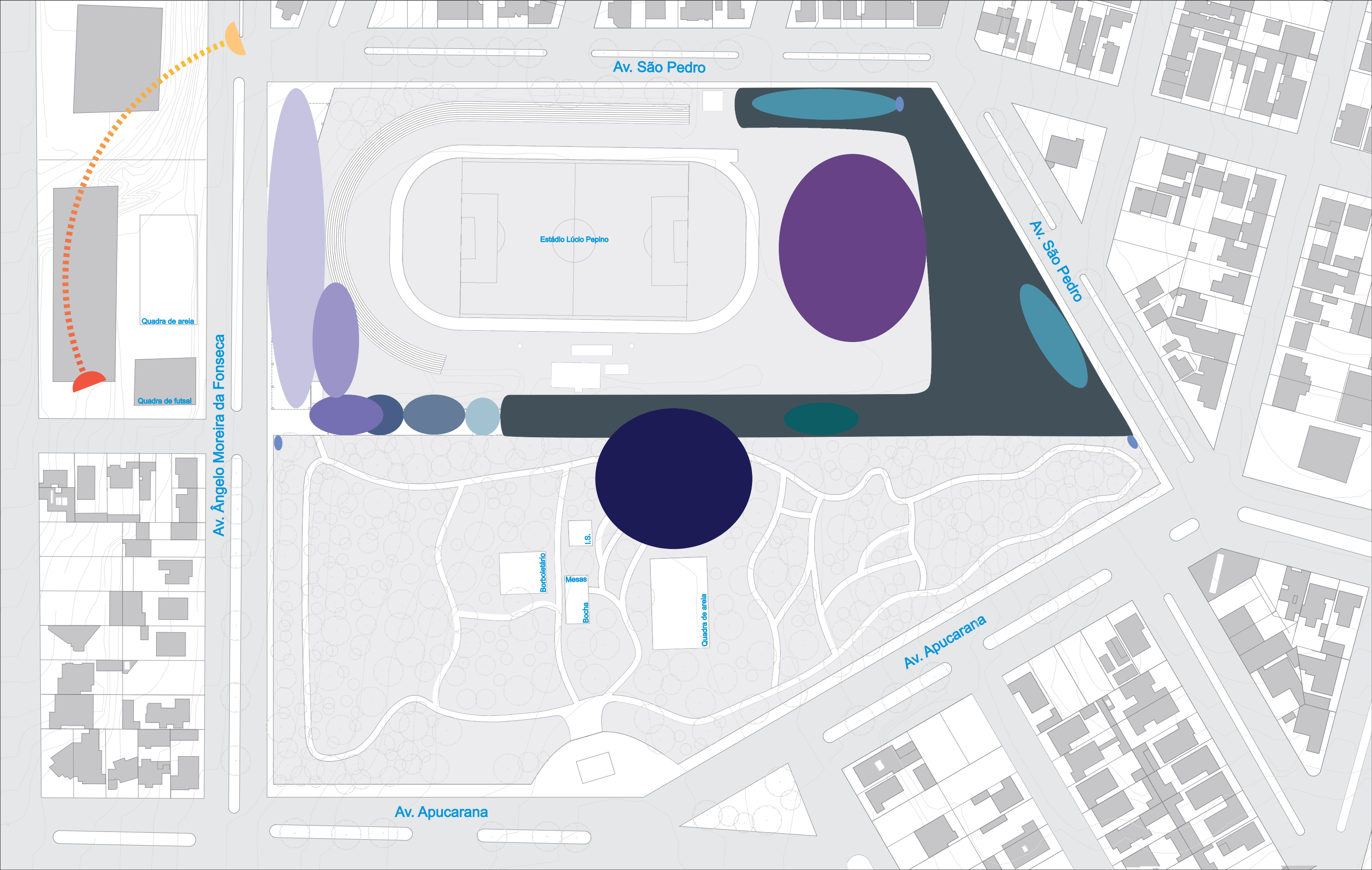
Fonte: Autor, 2019.

5.1.8 Programa de Necessidades

Quadro 6 - Programa de Necessidades.

PROGRAMA DE NECESSIDADES			
AMBIENTE	QUANTIDADE	OBSERVAÇÕES	DIMENSÃO
Cobertura Para eventos	1	Local destinado a eventos como as feiras, foodtruck e qualquer outro que exista a necessidade de um espaço coberto;	2720 m ²
I.S.	2		26,5 m ²
Praça de Alimentação	1	Espaço com mesas e cadeiras para consumir suas refeições;	900 m ²
Espaço multiuso aberto	1	Local flexível que oferecer diferentes oportunidades de uso a céu aberto;	350 m ²
Espaço multiuso coberto	1	Local flexível para usos específicos que necessita da proteção das intempéries como por exemplo uma exposição de arte ou uma atividade em dias de chuva;	200 m ²
Jogos de mesa	1	Espaço composto por mesas e bancos para a prática de jogos de tabuleiro e cartas;	150 m ²
Playground	2	Local destinado a crianças de diferentes faixas etárias;	3100 m ²
Quadra de Basquete	2	Além de seu uso principal, pode também ser apropriado como mais um espaço livre;	450 m ²
Área de contemplação	1	Espaço elevado da rua com o objetivo de proporcionar uma perspectiva mais ampla do projeto;	220 m ²
Área Comercial	1	Espaço destinado a lojas;	770 m ²
Área de permanência	--	Local de encontro e apropriação dos usuários;	6197 m ²
Bicicletário	3	Local para guardar bicicletas;	30 m ²
Circulação	--	Diferentes percursos proporcionam diferentes experiências;	30% da área total;
Área Total			15083,5 m ²
Área Total com circulação			19608,5 m ²

Fonte: Autor, 2019.

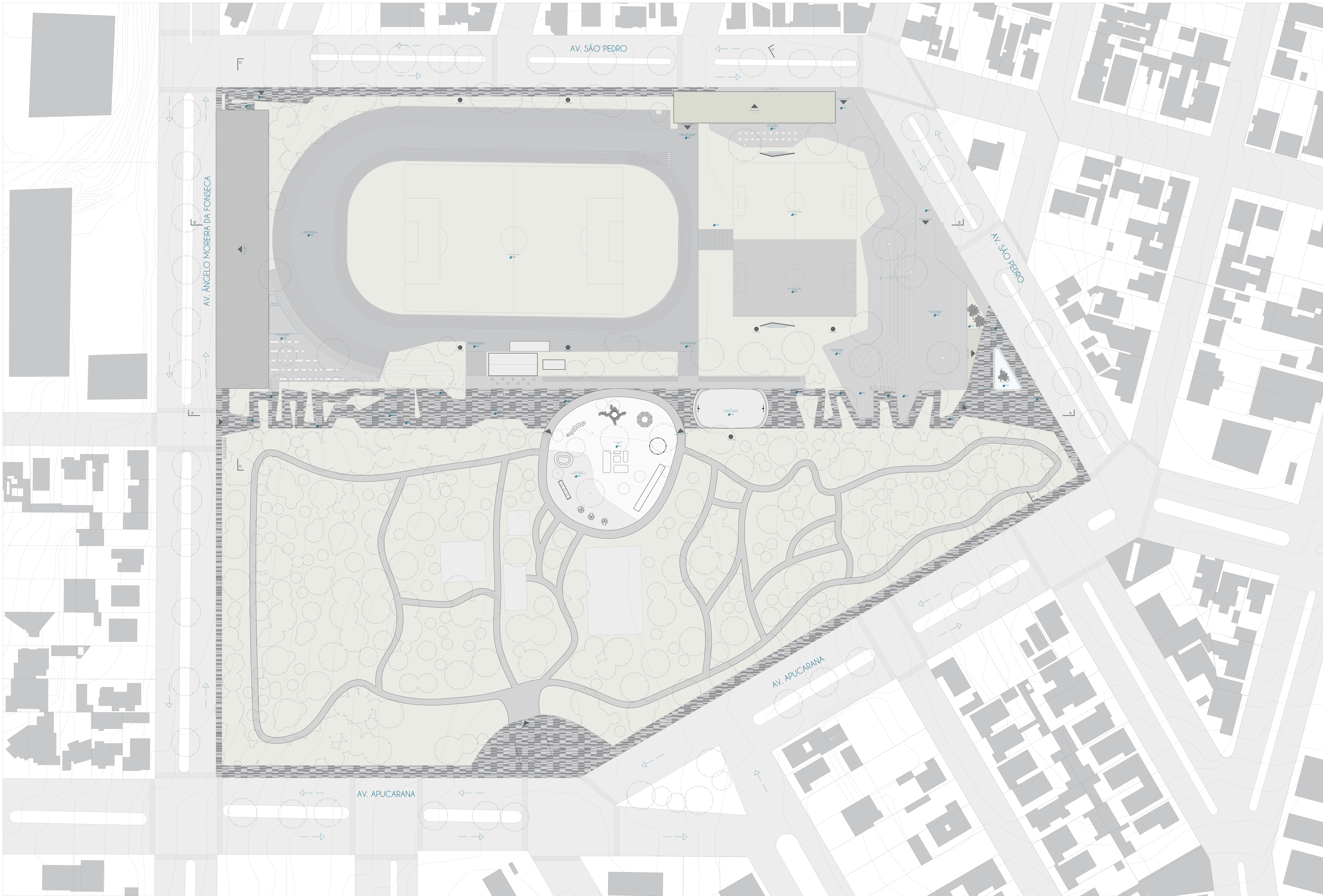


Enquanto a nova cobertura permanece em seu lugar de origem, a praça de alimentação foi aproximada da rua de intervenção, para que as funções se conectem e a praça seja beneficiada com uma vista mais privilegiada. A área de contemplação fica em um dos pontos mais altos onde existe uma vista panorâmica, comportando-se como um mirante. Na parte inferior desse mirante, acontece um espaço multiuso coberto, capaz de abrigar exposições, pequenas apresentações e atividades específicas.

O espaço multiuso descoberto vem logo após, como uma extensão do local, para que facilite a apropriação de acordo com a criatividade dos usuários. O playground permanece também em seu local de origem, estendendo-se agora para a rua de intervenção onde assume grande protagonismo por conta da sua dimensão, importância e pelo número de pessoas que utilizam do espaço diariamente.

Além disso, foi proposto três bicicletários espalhados pela quadra para suprir a demanda que venha a surgir neste local. As áreas de permanência precisam percorrer todo o perímetro, assim pode-se proporcionar diferentes formas de apropriação. A quadra de basquete fica mais próxima do playground e afastada do espaço multiuso, pois caso exista exposições, reuniões e atividades de cunho mais formais, não existirá o perigo de uma atividade prejudicar a outra.

A área comercial foi disposta na face de maior necessidade, onde a maioria das construções direcionadas para a Av. São Pedro são compostas por paredões altos sem aberturas, prejudicando a segurança do local. Portanto, através do comércio e da remoção do paredão existente também sobre o estádio, a ideia é proporcionar mais vitalidade para a avenida e aproximar cada vez mais os moradores deste espaço.



PLANTÃO
DE 1:500

VER A LOCALIZAÇÃO DE SISTEMAS PARA TODO O ABASTECIMENTO DE ÁGUA NECESSÁRIA NO LOCAL.
A ILUMINAÇÃO E BALÇOS DEVEM SER POSICIONADOS DE FORMA A NÃO REDUZIR A ESTÉTICA DO PROJETO.
DE PREFERÊNCIA BALÇOS COLTOS E LUMINÁRIAS MINIMALISTAS CONFORME PROPOSTO NAS RAZÕES APRESENTADAS NO IM DO PROJETO.
PARA O POSICIONAMENTO DAS RAZÕES É NECESSÁRIO UM ESTUDO DE TODO O TERRENO PARA GARANTIR MÁXIMA EFICIÊNCIA.



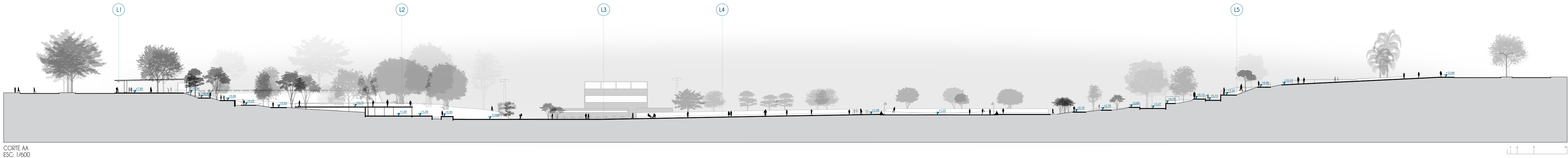
L6 - O acesso entre a rua de intervenção e o estádio se dá pelo local mais plano, próximo às construções já existente onde, foi necessário reposicionar um dos edifícios para uma melhor apropriação do local. Os mesmos serão revestidos em madeira ripada para que siga a linguagem proposta e continuem exercendo suas respectivas funções;

L10 - O deck com espreguiçadeiras ficam próximos do playground para que assim, os usuários mantenham contato visual com a vegetação existente da área de preservação e também com os brinquedos para que possam aproveitar da atmosfera do espaço, se encontrar com os amigos e simultaneamente, cuidar das

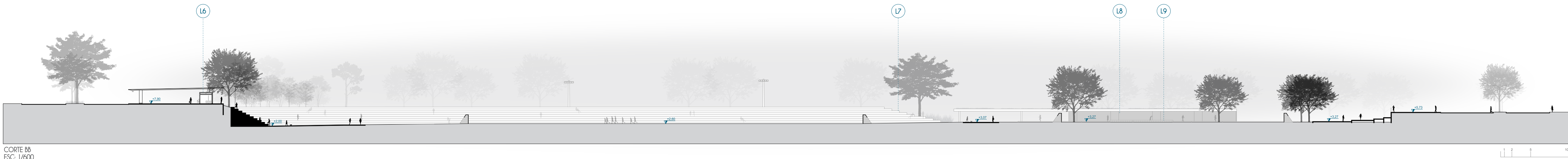
[14] - O restaurante abocetja no nível inferior ao do passeio na avenida São Pedro, proporcionando uma permeabilidade visual total do local. Além disso, as salas comerciais devem trazer mais vida para o local que anteriormente era composto por grandes paredes.

ANTA BAIXA
E: 1/300

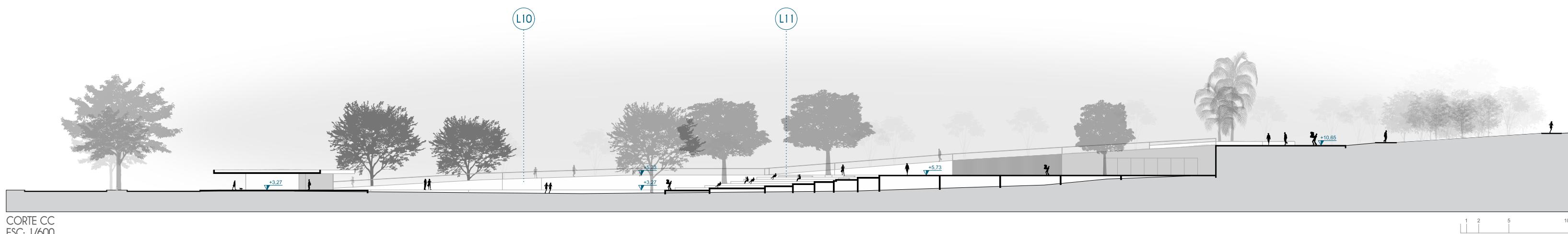
PLANTA BAIXA
ESC : 1/500



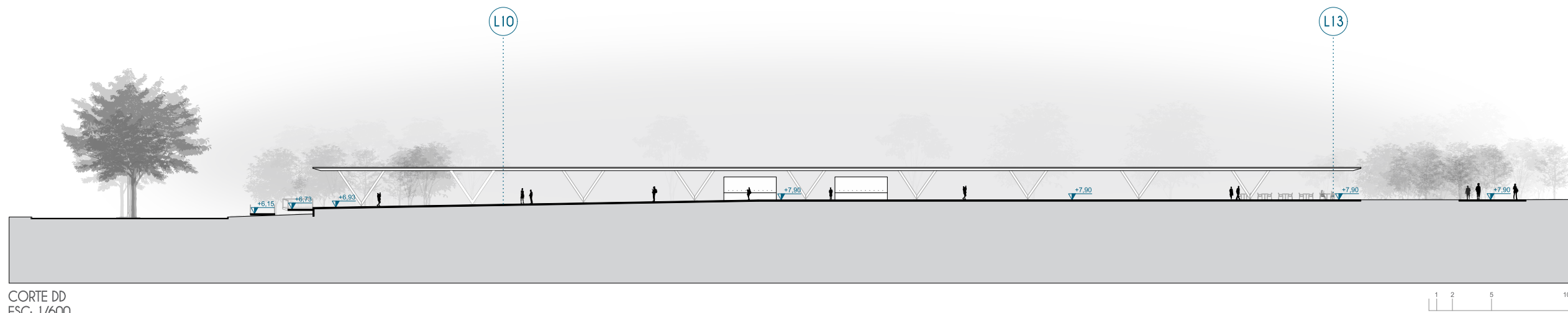
CORTE AA
ESC: 1/600



CORTE BB
ESC: 1/600

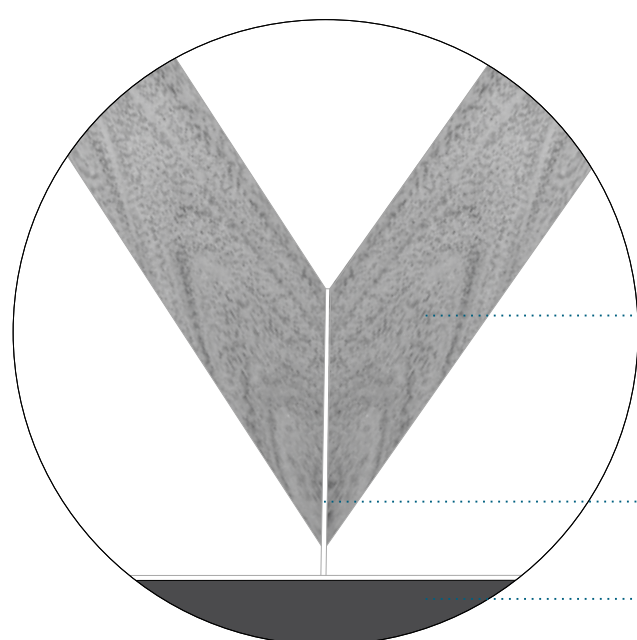


CORTE CC
ESC: 1/600

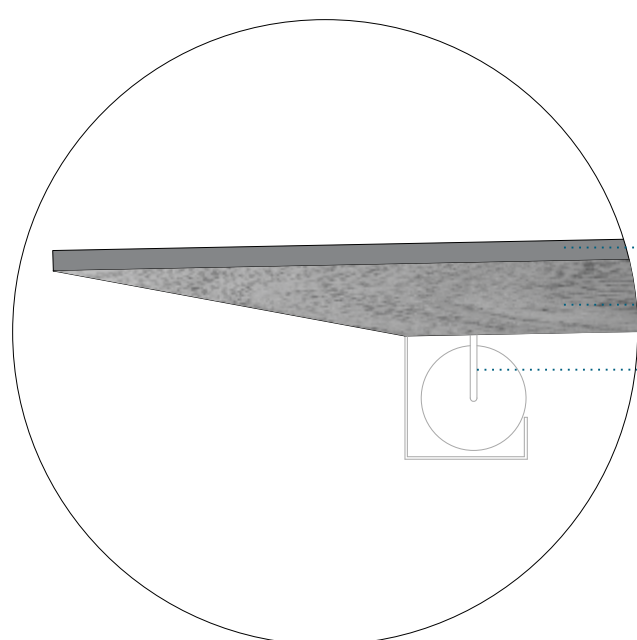


CORTE DD
ESC: 1/600

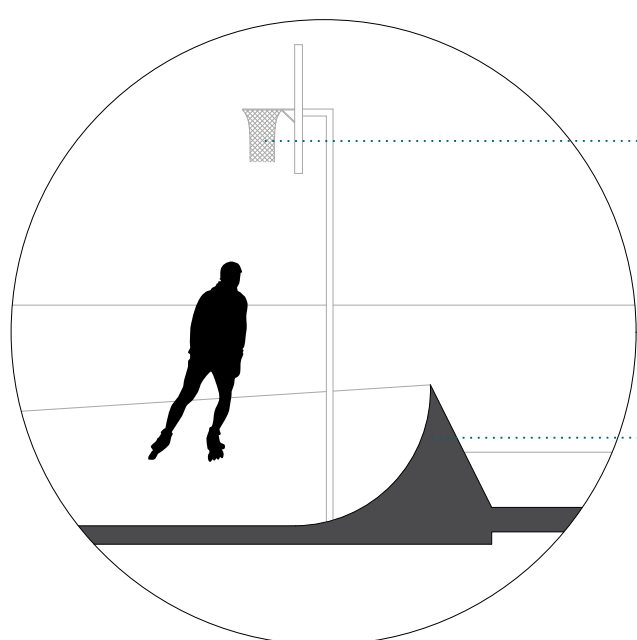
- L1 - A estrutura da cobertura é feita em CLT, coberta por telhas sanduíches. Para controlar a entrada da sol na decorrer do dia, a mesma foi equipada por um toldo automatizado (Ver Det. 2);
- L2 - Enquanto o nível superior funciona como um espaço de contemplação para toda a rua, o piso inferior dá lugar a um espaço multifuncional coberto, abrigando atividades específicas;
- L3 - Os bancos fixos além de ser utilizado para jogos de mesa, pode ser utilizado como espaço de permanência, seja para estudo, para descansar, etc;
- L4 - As espreguiçadeiras são direcionadas para o bosque, desta forma, os usuários se sentem participando de um espaço natural e ao mesmo tempo permanecem próximo do trabalho e do comércio;
- L5 - Os caminhos seguem um traçado orgânico que além de vencer o desnível em inclinação mais suave, proporcionam diferentes perspectivas e percursos;
- L6 - As aberturas dos lavabos acontecem por janelas basculantes superiores, evitando assim, janelas abertas ao ambiente externo;
- L7 - A arquibancada foi escalona para que o acesso se tornasse mais convidativa, proporcionando bancos e floreiras em vez de um paredão;
- L8 - A área comercial é composta por painéis ripados e flexíveis para que assim, possibilite o controle da ensolação e auxilie também na segurança das lojas no período em que estão fechadas;
- L9 - Os campos menores são equipados por pequenos decks em madeira com torneiras para a higienização dos pés e das mãos para que possam se direcionar até o vestiário próximo ao campo principal;
- L10 - O passeio foi ampliado em determinados pontos para que torne a caminhada mais agradável e faça com que os pedestres sintam-se convidados a participar do local;
- L11 - A nova arquibancada, além de servir como um local de encontro e permanência, proporciona vista para os dois campos de futebol. Esse espaço é sombreado por árvores de grande porte onde suas copas altas não prejudicam a visualização das atividades que ali acontecem;
- L12 - O Desnível de 2 metros da feita foi diminuída para 1 metro com o objetivo de proporcionar uma inclinação mais suave. O acesso pode ser feito tanto pela nova rampa, quanto pelo passeio através da fachada principal;
- L13 - O banco da praça de alimentação exerce também o papel de guarda-corpo;



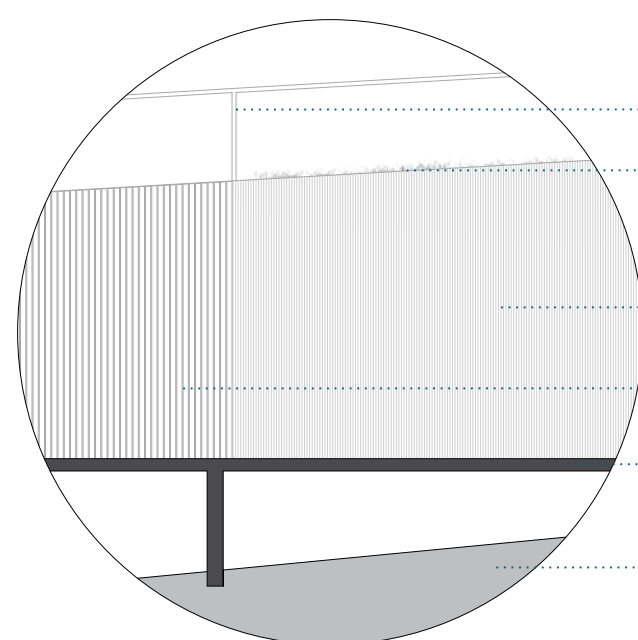
DET. 1 - PILARES AFASTADOS DO PISO



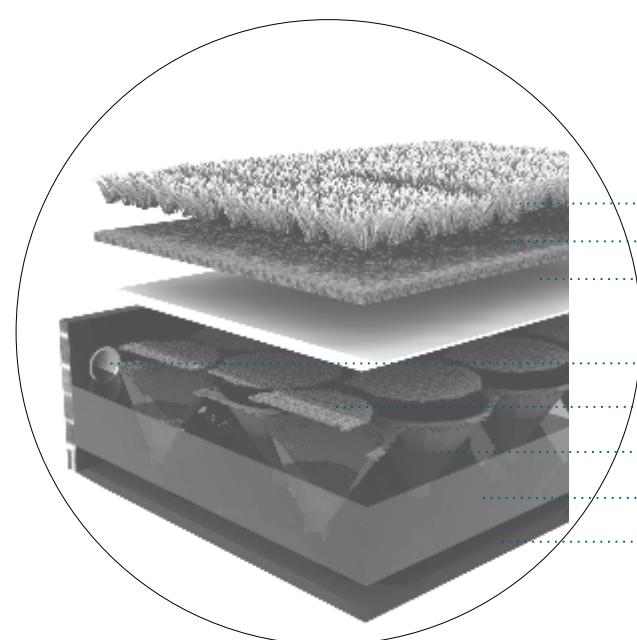
DET. 2 - TOLDO AUTOMATIZADO



DET. 3 - QUADRA DE BASQUETE/PISTA DE SKATE



DET. 4 - ESQUADRIAS DO RESTAURANTE



DET. 5 - Terraço-jardim

6 CONCLUSÃO

A falta de apropriação em determinados espaços da cidade acontece de forma natural com o passar dos anos, seja pela carência do desenvolvimento próximos ao local ou simplesmente pela forma como seu entorno foi consolidado, resultando em ruas sem ou quase sem oportunidades. Esses abandonos oferecem malefícios que influenciam diretamente no entorno, tornando-os mais insalubres e inseguros.

Desta forma, quando o local deixa de ser apropriado com o tempo, e posteriormente ao abandono surge a possibilidade de revitalização, deve-se ser efetuado um profundo diagnóstico baseado em metodologias bem fundamentadas, citadas nos capítulos anteriores para que assim, aconteça uma reinterpretação do espaço com base não só nas funções originais, mas também nas novas necessidades.

Para a revitalização do espaço intersticial em questão, foi necessário ampliar a escala do projeto, envolvendo assim toda a quadra, no objetivo de propor soluções para as seguintes questões:

A forma como o espaço público se comporta em relação ao entorno, gerando paredões que resultam em ruas inseguras e não utilizadas; a falta da integração entre as funções, distribuindo de forma inadequada os usuários que utilizam dos espaços separadamente e em períodos distintos; a carência de uma linguagem arquitetônica coerente e única, pois, a linguagem existente potencializa ainda mais a segregação entre as atividades; a necessidade de espaços que atendam de forma adequada suas respectivas funções; a ausência da utilização do desnível natural do terreno como elemento de grande potencial, capaz de proporcionar diferentes oportunidades direcionadas exclusivamente aos pedestres, e por fim, compreender o aumento dos usuários que deve ocorrer após a aplicação das novas propostas, gerando a necessidade de passeios mais generosos, diferentes acessos e percursos que auxiliem na distribuição dos fluxos de pedestres.

Desta forma, quando as intervenções acontecem em uma quadra com atividades já existentes relacionadas a cultura, a economia, ao esporte e ao lazer, o projeto assume uma escala urbana, auxiliando na segurança do entorno através da permeabilidade visual, onde os moradores e usuários assumem o papel de “olhos da rua”. O local começa a ser frequentado por um maior número de pessoas e os mesmos permanecem por mais tempo, pois, o programa amplo e flexível convida os

usuários a quererem estar ali e a utilizar o local de acordo com a sua vontade, a revitalização torna o projeto mais sustentável onde, através dos elementos protagonistas ali existentes, direcionam o desenvolvimento de uma nova proposta que respeite a história do local.

Ao retomar a vida neste espaço, a economia se torna mais forte, o comércio se aproxima e a relação entre espaço público e pessoas se fortificam aos poucos. Quando os usuários se identificam com o espaço construído, começam a interpretá-lo como uma extensão das casas, onde se sentem seguros a levarem seus filhos e se encontrarem com os amigos, e é através das gerações que se desenvolve uma cultura que valoriza e cuida de um bem material destinado a todos.

7 REFERÊNCIAS

ACIU. **55 anos de luta pelo empreendedor.** Disponível em <<http://www.aciupr.com.br/historia>> Acesso em: 15 de Fevereiro de 2019.

ALEXANDER, C. **Uma Linguagem de Padrões.** Traduzido por Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013. 1215 p.

ANJOS, M. F. **Espaços intersticiais:** estratégia projetual de Cedric Price, Bernard Tschumi e Rem Koolhaas. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ARCHDAILY. **Israels Plads Square / Sweco Architects + COBE.** 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/880388/israels-plads-square-cobe>> Acesso em 21 de Março de 2019.

ARCHDAILY. **Ladeira da Barroquinha / Metro Arquitetos Associados.** 2012-2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/781582/ladeira-da-barroquinha-metro-arquitetos-associados>> Acesso em 20 de Março de 2019.

ARCHDAILY. **Por um futuro caminhável:** para mudar a forma como vivemos nas cidades é preciso colocar os pés na rua. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/881224/por-um-futuro-caminhavel-para-mudar-a-forma-como-vivemos-nas-cidades-e-preciso-colocar-os-pes-na-rua>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.

ARCHDAILY. **Superkilen / Topotek 1 + BIG Architects + Superflex.** 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/286223/superkilen-topotek-1-big-architects-superflex>> Acesso em 19 de Março de 2019.

ARCHDAILY. **The New York High Line officially open.** 2009. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/24362/the-new-york-high-line-officially-open>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2019.

ARCHDAILY. **Um passeio pelo High Line com Iwan Baan.** 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/627644/um-passeio-pelo-high-line-com-iwan-baan>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2019.

BIG. **Skuru Bridge.** 2012-2019. Disponível em: <<https://big.dk/#projects-sbr>> Acesso em 22 de Março de 2019.

BIG. **Superkilen.** 2012-2019. Disponível em: <<https://big.dk/#projects-suk>> Acesso em 19 de Março de 2019.

BONTEMPO. **Superkilen, um incrível parque urbano.** 2012-2019. Disponível em: <<http://www.bontempo.com.br/2013/01/30/superkilen-um-parque-urbano-incrivel/>> Acesso em 19 de Março de 2019.

CARTA DE LISBOA SOBRE REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA. 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana. Lisboa, 21 a 27 de outubro de 1995. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadelisboa1995.pdf>> Acesso em: 27 de Fevereiro de 2019.

COBE. **Israel Plads.** 2014-2019. Disponível em: <<http://www.cobe.dk/project/israel-plads-0#0>> Acesso em 21 de Março de 2019.

D'INCAO, M. Â. Modos de ser e de viver: a sociedade urbana. **Tempo Social; Sociol USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 95-109, mai. 1992.

DOMUS. **Looking, Moving, Gathering: Functions of the High Line.** 2011. Disponível em: <<https://www.domusweb.it/en/architecture/2011/06/10/looking-moving-gathering-functions-of-the-high-line.html>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2019.

GEHL, J. **Cidade Para Pessoas.** Tradução por Anita Di Marco e Anita Natividade. São Paulo: PERSPECTIVA, 2013. 261 p.

GONZALEZ, E. **Ponte da Montanha.** 2013. Disponível em: <<http://www.edgargonzalez.com/2013/10/30/montaa-puente-big/>> Acesso em 22 de Março de 2019.

GOOGLE EARTH. **Vista aérea da cidade de Umuarama.** 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3dclxw8>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

GUERREIRO, M. R., Interstícios urbanos e o conceito de espaço exterior positivo. **Forum Sociológico Online**, v. 18, n. ?, p. 13-19, jul. 2012. Disponível em <<http://sociologico.revues.org/218>> Acesso em: 27 de Fevereiro de 2019.

Infoescola. **Geração Y.** Disponível em <<https://www.infoescola.com/sociedade/geracao-y/>> Acesso em: 10 de Maio de 2019.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades.** Tradução por Carlos S. Mendes Rocha. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 2011. 532 p.

KRAGH & BERGLUND. **Skuru Bridge.** 2012-2019. Disponível em: <<http://kragh-berglund.com/en/portfolio-item/skuru-bro/>> Acesso em 22 de Março de 2019.

METRO. **LADEIRA DA BARROQUINHA.** 2012-2019. Disponível em : <<http://www.metroo.com.br/projects/view/82>> Acesso em 20 de Março de 2019.

MOURA ET AL. A revitalização urbana: Contributos para a definição de um conceito operativo. **Cidades, Comunidade e Territórios**, v. ?, n. 12/13, p. 15-34, dez. 2006.

PIZARRO, E. P. **Interstícios e interfaces urbanos como oportunidades latentes: o caso da Favela de Paraisópolis**, São Paulo. 2014. Tese (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UMUARAMA. **História de Umuarama – PR.**

Disponível em <http://www.umuarama.pr.gov.br/institucional/a_cidade/1> Acesso em: 15 Fevereiro de 2019.

SERDOURA, F.M.; SILVA, F. N. ESPAÇO PÚBLICO. LUGAR DE VIDA URBANA. **2º CONGRESSO LUSO BRASILEIRO**, Braga. v. ?, n.?, p. 27-29, set. 2006.

SPECK, J. **Cidade Caminhável**. Tradução por Anita Di Marco e Anita Natividade. São Paulo: PERSPECTIVA, 2016. 272 p.

TOPOS MAGAZINE. **Israel Plads**: Entre o parque e o mercado. 2016. Disponível em: <<https://www.toposmagazine.com/israels-plads/>> Acesso em 21 de Março de 2019.

VITRUVIUS. **Praça e Ladeira da Barroquinha**. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/15.178/5752>> Acesso em 20 de Março de 2019.